3735
A MOCIDADE DE D. JOAO V
735

A MOCIDADE DE D. JOÃO V

COMEDIA-DRAMA EM 5 ACTOS

POR

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA E ERNESTO BIESTER

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 52
1856

PERSONAGENS.

D. JOÃO V.

PADRE VENTURA.

JERONYMO GUERREIRO.

DIOGO DE MENDONÇA.

FILIPPE DA GAMA.

COMMENDADOR LOURENÇO TELLES.

FR. JOÃO DOS REMEDIOS.

ABBADE SILVA.

THOMÉ DAS CHAGAS.

CAMÕES DO ROCIO.

CECILIA.

THEREZA.

ABBADESSA DO CONVENTO DE SANTA CLARA.

ACTO I.

O locutorio do convento de Santa Clara. Grade no fundo. Porta á direita que dá para o interior do convento. Uma porta da esquerda, meia escondida por um confessionario.

SCENA I.

Thomé das Chagas e Fr. João dos Remedios.

Thomé.

Ninguem diga: «eu d'esta agua não beberei!» Padre procurador, não somos nada n'este mundo.

Fr. João.

Então o que quer, Thomé das Chagas?! Os peccados pagam-se.

Thomé.

Como os nossos padres hão-de estar sentidos!... E esse excommungado papel... não terá remedio?

FR. JOÃO.

A provisão do Desembargo do Paço? Por mais que scisme não lh'o vejo. É ir de Cesar para Cesar — de el-rei para el-rei!... Como a esta hora hão-de rir em S. Roque os padres da Companhia!

THOMÉ.

Pois elles entram n'isto?

FR. JOÃO.

A pedra partiu da sua mão, e suas paternidades atiram certo.

THOMÉ.

Não julgava. Com que temos jesuitas no caso?

FR. JOÃO.

Irmão Thomé fique sabendo, que temos jesuitas em tudo. Acaso, n'estes reinos, desde que elles vieram, fez-se já alguma coisa, que não cobrissem com a roupeta.

THOMÉ.

Ah! Então esse papel?

FR. JOÃO.

(*Irado*) É obra dos herejes, dos christãos novos, dos inimigos de Deus e da sua gloria. Digo, creio e affirmo. (*N'este momento apparece á porta o padre Ventura, e vendo-os conversando, conserva-se occulto atraz do confessionario*).

THOMÉ.

É muito, padre mestre! Atrever-se essa gente!? E então no Desembargo do Paço! Bem rosna o povo! Estamos perdidos devoto S. Domingos da minha alma!

FR. JOÃO.

Tome sentido no que vou dizer-lhe, irmão Thomé. Ha-de ir logo da minha parte, á Calcetaria, a casa de Diogo de Mendonça Corte Real, levar-lhe esta carta (*da-lh'a*). Mas a provisão não é natural. Querem metter o alvião nos cunhaes do nosso convento. Tratam de o arrazar pelos alicerces!

THOMÉ.

(*Que beijou a carta ao recebel-a, erguendo os braços com admiração hypocrita*).

Santa Maria, Mãe de Deus, orai por nós peccadores! Deitar abaixo uma Babylonia d'aquellas? Quem é o impio?

FR. JOÃO.

Babylonia o convento do nosso padre S. Domingos? Veja o que disse irmão Thomé. Lembre-se de que era a cidade das profanações, a mãe dos vicios..

THOMÉ.

Mea culpa, mea maxima culpa! (*curva-se todo compungido*).

FR. JOÃO.

(*Abstracto e passeando*) A provisão não foi tal feita no Terreiro do Paço; é falso! Veio de S. Roque...

THOMÉ.

Diga V. Reverendissima da Companhia de Judas, que é mais certo! Deus me perdoe! Mereciam abrazados elles e as roupetas nas bentas fogueiras do Santo Officio! Ha tanto tempo que não se queima um hereje! (*suspira*).

FR. JOÃO.

Sentido, irmão Thomé! Olhe que as paredes tem ou-

vidos... Vou vêr a minha confessada, e depois na volta para o convento, passarei por casa de Lourenço Telles, a dar-lhe noticia das meninas. Não se demore com a carta, e leve lá a resposta.

THOMÉ.

N'um pulo estou na rua da Calcetaria, discanse V. Reverendissima (*Fr. João entra para o convento*).

SCENA II.

THOMÉ E PADRE VENTURA.

PADRE VENTURA.

(*O Padre Ventura sáe do confessionario, e passando por traz de Thomé, sem ser visto, põe-lhe de leve a mão no hombro*). Pax christe, irmão Thomé!

THOMÉ.

(*Sobresaltado*) Santa Barbara! (*Olhando para o Padre Ventura agacha-se como se lhe cahisse um peso em cima, e fica immovel e boquiaberto*).

PADRE VENTURA.

Filho, d'ali vi e ouvi tudo; e sabe? Gostei do seu modo. Vossa mercê foi bem, foi optimamente, com grande zelo da religião, e muito temor de Deus Nosso Senhor. Depois, é bom catholico, ama e respeita a Santa Inquisição. Tem alguma coisa?

THOMÉ.

(*Confuso e espantado*) Não é nada!... Estou melhor.

PADRE VENTURA.

Ainda bem. Não nos adoeça ; queremol-o são. Sabe donde isso tudo procede, provavelmente ? É do calor, que toma. A carne não pode com o espirito. . . e receio bem, filho, que um dia, venha ainda a fazer-lhe muito mal o seu espirito ! Ora pois, repito, gostei de o ouvir. Fr. João é que me pareceu tibio, mas felizmente, o irmão Thomé espertou-o. Olhe, de tudo o que disse, o que me tocou mais foi o seu conselho de curar a heresia a ferro e fogo. . . Não o achei de todo mau !

THOMÉ.

(*Atterrado e convulso*): Misericordia, reverendo padre ! Pequei por leviandade !

PADRE VENTURA.

Quem não pecca, meu filho ? V. Mercê tem genio e habilidade. Tirei informações a seu respeito, e não posso consentir que a luz de um entendimento claro fique apagada em tanta humildade. As missões da America estão pedindo homens assim zelozos da cura das almas, e do serviço de Deus.

THOMÉ.

Valha-me Deus ! Errei contra a companhia ; mas V. Paternidade acuda-me pelas chagas de Christo. Não me deite a perder.

PADRE VENTURA.

Socegue, filho. Fallou da Companhia de Jesus; mas ainda assim teve caridade. Castigando o corpo lembrou-se da alma. É preciso um exemplo, tem razão. Ha muito tempo que não se queima um hereje. . . Olhe, parece-me, que te-

nho agora mesmo a mão em cima de um!... (*Thomé recua*) V. Mercê é da Cidade de Evora?

THOMÉ.

Sim meu padre. Lá nasci, e me crearam.

PADRE VENTURA.

Muito bem. Então conheceu por força um tal Onofre Crespo, algum tempo familiar do nosso padre Simões? Não conheceu outra cousa.

THOMÉ.

Estou apanhado... se não fujo! (*alto*) Que figura tinha? V. Paternidade mandou-lhe tirar os signaes? E a historia do crime... se o houve... está bem averiguada? Sahi de lá tão novo!

PADRE VENTURA.

Outros correm mundo mais moços. Quando mudou de terra, o irmão Thomé já contava os seus vinte annos... segundo me disseram. O roubo foi por esse tempo.

THOMÉ.

(*Espavorido*). Que memorião! (*alto*) Fique V. Paternidade certo. Se eu o conhecer... (*á parte*) Sendo comigo, o Jesuita descalça-se, e ponho-me em seguro. Sendo com outro, se eu sei quem elle é, denuncio-o, do Ceu lhe venha o remedio. A caridade bem entendida começa por nós.

PADRE VENTURA.

(*Que esteve conferindo uns papeis*). Sei que sabe lêr, e até que tem seus principios de grammatica; e sei mais aonde estudou e quem foram os seus mestres.

THOMÉ.

(*Á parte*). Não gosto nada Este padre, pelo menos, sabe de mim a metade do que eu sei, e não é pouco; queira Deus que não saiba tudo!

PADRE VENTURA.

Ora leia este papel, e verá que o rol dos crimes do hyppocrita não é curto! (*Dá-lhe o papel*) Conta-se ahi, que um certo Onofre Crespo, furtou vinte dobrões e mais uma prata da sua capella, no valor de duzentas moedas, ao Padre Simões. Parece-me que diz isto o papel? O que responde? Tinha artes o hypocrita, e genio. É pena!

THOMÉ.

Digo a V. Paternidade que não o conheço.

PADRE VENTURA.

Ora espere. Vamos aos signaes. Estão? (*Corre com o dedo o papel como quem lh'os indica*). Exquesita cousa! Não me sáe V. Mercê escripto e pintado!?... Nem dous gemeos!

THOMÉ.

(*Convulso*) Jesus! Nome bento de Maria! Ahi anda bruxaria!

PADRE VEETURA.

Está claro! Entretanto não é bom. Ha muito quem nos queira mal, e tomára eu uma palma de gloria por cada innocente, que padeceu injustamente por causa de falsas semelhanças. . . Deus o livre de inimigos, sobre tudo em devassa aberta, ou em denuncia ao Santo Officio. É peior parecel-o, do que sêl-o.

THOMÉ.

Pois o justo hade pagar pelo peccador?

PADRE VENTURA,

Nunca ouviu que pela bocca morre o peixe? O innocente no nosso caso, morre por ter a cara do peccador!

THOMÉ,

V. Paternidade pinta tanto ao vivo!

PADRE VENTURA.

Mas se parece mesmo laço do demonio! (*tira-lhe o papel e lê*). Ora oiça. Rosto comprido e olhos pardos. . . um pouco vesgos. Altura mediana. Até aqui, bem vê, é tal e qual. Côr esverdeada. Nariz aquilino e uma verruga na ponta. Modos beatos, e um ar no lado esquerdo.

THOMÉ.

(*Escoando-se, parvo de susto*). É mentira. É geito de nascença.

PADRE VENTURA.

Pois então! N'elle era ar, em V. Mercê foi geito de nascença, póde admittir-se. Mas agora me recordo. Dê-me um abraço. De casa temos o remedio. Chegou o nosso padre Simões, e está em S. Roque.

THOMÉ.

(*A' parte*) Estou perdido.

PADRE VENTURA.

Iremos vêl-o, e... Que é isso? Deu-lhe alguma coisa?

THOMÉ.

(*Ajoelhando*). Fui temerario, meu padre. Deus castigou-me. Se a justiça o sabe... estou perdido.

PADRE VENTURA.

Não se precipite. Seja forte. Fallou mal da Companhia, é verdade, pois se o coração a accusa, medite, excogite coisa do serviço d'ella, e faça a reparação.

THOMÉ.

Se eu podesse...

PADRE VENTURA.

Todos podemos... Então ainda não achou nada no capitulo das reparações moraes? Ajuda-me que eu te ajudarei, diz o adagio. Se V. Mercê podesse, se quizesse, por exemplo, a companhia resistia melhor aos seus inimigos, e com os nossos padres, pela sua parte, o sr. Onofre... digo o sr. Thomé tambem se havia de dar melhor. Ainda não entendeu?

THOMÉ.

Principio a perceber, meu padre.

PADRE VENTURA.

Com verdade, responda-me: não leva uma carta á Calcetaria, a casa de Diogo de Mendonça, creio eu, da parte do padre fr. João dos Remedios, de S. Domingos, ao secretario d'estado de el-rei nosso senhor?

THOMÉ.

Levo, sim senhor.

PADRE VENTURA.

E tem-a comsigo, por signal! Pois olhe eu, no seu caso; reconciliava-me de caminho com algum dos nossos padres... De S. Roque á Calcetaria são dous passos.

THOMÉ.

Mas se entrego a carta aberta...

PADRE VENTURA.

Aberta ou fechada, quem falla n'isso? Deve notar, que ha olhos tão penetrantes, que até por cima do sobrescripto sabem lêr. Ao sr. Thomé póde caír-lhe a carta... involuntariamente, e outro apanhal-a. Entretanto V. Mercê não abriu, não mostrou, e não lêu. Agora, por interesse, ou por curiosidade... se outro o fizer, o que temos nós? Percebe?

THOMÉ.

De mais, meu padre! (*deixa cahir a carta disfarçadamente. Ventura levanta-a do mesmo modo*).

PADRE VENTURA.

Fallaram-me tambem de uns papeis judiciaes feitos ha dous dias pelo padre mestre Remedios... Isso fica para depois. Tenho aqui a nota d'elles. . . Vá com Deus, filho, que se faz tarde, passe por S. Roque, demore-se uns vinte minutos a fazer oração e conte que a carta hade tornar a apparecer. . . *e intacta.* Quanto ao tal Onofre Crespo se ouvir fallar n'elle. .

THOMÉ.

O que heide fazer?

PADRE VENTURA.

Rezar-lhe por alma. Agora me lembro que falleceu.

THOMÉ.

(*Beijando a manga a Ventura e saíndo todo curvo*) Deus o tenha á sua vista! (*Sáe*).

SCENA III.

PADRE VENTURA, DEPOIS A ABBADESSA.

PADRE VENTURA.

(*Seguindo-o com os olhos, e levando lentamente o dedo á fronte com gesto reflexivo*) O habito não faz o monge! Aqui temos um grande santo com a mascara fóra; mas depois de conhecido não faz mal. A prudencia é a chave dos negocios, e ás vezes um grão de areia basta para a melhor roda não andar. Bem humilde é a gramma, e entretanto lavra e enreda um campo. Bem! Agora seguem-se os outros. A Companhia tem muitos inimigos, e poucos amigos... Subiu de mais, está poderosa, e servem-na de má vontade... os que a servem. Paciencia! Joga-se para ganhar, e até sahir a ultima carta... ha sempre esperança. (*Vendo a abbadessa*) Ora venha em boa hora a nossa querida abbadessa! Temos novidades por esta devota clausura ou appareceu algum caso capital de consciencia?

ABBADESSA.

Foi o ceu que o trouxe, padre visitador! Ainda bem que se diz, que Vossa Paternidade, veiu de Roma, para reformar a ordem...

PADRE VENTURA.

(*Sorrindo e atalhando-a*) Dizem isso por cá?... Pois asseguro-lhe que não advinham. Mas continue, tem alguma coisa, que a sobresalte, que a desgoste?

ABBADESSA.

(*Suspirando com ar beato*) Ai, padre Visitador, o meu desgosto é não poder já com o peso d'este governo. Se V. Paternidade por caridade, me aliviasse d'elle.

VENTURA.

(*Ironico e risonho*) Devéras!... Ora pois, louvado seja Deus por tudo! O pezo é grande, sei, mas hade ter por força a sua compensação... Succedeu alguma cousa?

ABBADESSA.

A madre rodeira diz-me, que veio á portaria um primo da educanda Cecilia, aquella que lhe chegou hontem o pae, que se julgava morto, e que o commendador Lourenço Telles trata por sobrinha...

VENTURA.

Diga, netta. O commendador para tio é muito velho. E então o tal primo o que deseja?

ABBADESSA.

Pediu para entrar. Diz que vae para a guerra, que não sabe se tornará, e que, por força, ou por vontade hade fallar, hoje mesmo, á nossa educanda.

VENTURA.

Idéas de rapaz! Sei que primo é. E depois?

ABBADESSA.

Depois... pareceu-me que em ella vêr o seu parente não havia perigo, nem escandalo...

PADRE VENTURA.

Nenhum! De mais Cecilia não é freira, nem toma veu...

ABBADESSA.

Apesar d'isso, como eu respondo a seus pais...

PADRE VENTURA.

Tem toda a razão. Mas agora não é caso d'isso. O primo, que eu conheço, vem despedir-se. Não ha coisa mais natural. Ella recebe-o aqui, n'este locutorio externo... deixamol-os uns cinco ou dez minutos, livres...

ABBADESSA.

V. Paternidade perdoará, mas é contra a regra. Na minha presença, ou da regente sim, mas sós!... Deus nos accuda! O que não fallariam os maldizentes!...

PADRE VENTURA.

Que digam! que fallem! Olhe, querida abbadessa, o que Deus nos pede é o coração... As maledicencias do mundo, bom é evital-as, mas não se consegue facilmente. A minha regra n'estas coisas é a doçura. Guarde o recato e os escrupulos para as grandes. Demais Cecilia, e sua irmã...

ABBADESSA.

Thereza!

PADRE VENTURA.

Justamente, Thereza. Sahem ambas hoje, ou amanhã do convento. O pae, que foi capitão de navios, e que esteve tantos annos ausente não as quer separar de si. Portanto, bem vê, este caso sahe da regra geral. Deixemos fallar os primos...

ABBADESSA.

Mas...

PADRE VENTURA.

Se é peccado, eu o tomo sobre mim. Faça o que lhe digo.

ABBADESSA.

Devo obediencia a V. Paternidade... Mas o pae, o tal capitão de navios... não nos poderia deixar Thereza por uns mezes? Parece-me que ella não estaria longe de tomar o veu, e de professar aqui...

SCENA IV.

OS MESMOS E FILIPPE DA GAMA.

(*Filippe da Gama entrou a tempo de ouvir as ultimas palavras da Abbadeça, e adianta-se com ira e grossaria*).

FILIPPE.

Com a bréca! Que historia é essa de veu e de freirices? Estimo que tenha passado muito bem! Perdoe se offendo a sua palavra honrada. A senhora é que é o piloto cá da nau?

ABBADESSA.

(*Á parte a Ventura*) Quem será este labrego? (*Alto*) O Sr. Vem enganado. As naus e os pilotos andam no mar. Aqui reza-se e serve-se a Deus!

FILIPPE.

(*Com uma grande risada*) Historias! Essas labias comigo não pagam. Filippe da Gama, tem já ás costas um par de janeiros, intende? e não cáe em ratoeiras. Com que então, (*cruza os braços*) parecia-lhe que eu estive creando mi-

nha filha para a fazer Maria do Béu, ou anjinho de procissão? Espere, que está fresca! Antes um tubarão me coma do que eu vêl-a... de gualdrapas e bentinhos...

PADRE VENTURA.

(*Sorrindo e interpondo-se entre elle e a abbadessa*) Desculpe-o, querida abbadessa, os homens do mar tem esta casca grossa. (*Alto a Filippe*) O sr. Filippe da Gama, quer vêr as suas filhas? Vem achal-as umas senhoras! Deixou-as creanças, e encontra-as prefeitas e prendadas...

FILIPPE.

O Sr. padre é lá de casa?... desculpe!... Como cheguei hontem, ainda não tomei os rumos ao vento, e ando á tôa... (*Á parte*) Hum! o jesuita tem-me cara de muito metediço. Pois vem bem para cá. Já sabe o que venho fazer ao convento!? (*Alto a Ventura*) Sabe que mais? extranho...

PADRE VENTURA.

Que o conheça de perto, sem nos termos visto? É natural. Sou confessor de suas filhas.

FILIPPE.

Espero que não lhe terá mettido na cabeça a tal diabrura do veu e da freirice?

ABBADESSA.

(*Irada*) Sr. Filippe da Gama em sessenta annos de idade...

FILLIPPE.

Ponha dez por cima se quer fallar verdade.

ABBADESSA.

Nunca ouvi semelhantes heresias...

FILIPPE.

Pois ouve agora. Quando morrer leva mais essa novidade. Ora faça favor, vire-me de bordo, e vá buscarme as raparigas. Estou com pressa. Isto são onze horas, e o tio Commendador, ao meio dia em ponto está com a sopa a contas. Não quero passar por baixo da meza, Vamos! Allon! É alargar o passo e metter na manga a gravidade do officio!

ABBADESSA.

(*Cholerica*) Senhor!

FILIPPE.

Isto cá é como sabe. Se gosta de sopinhas de mel vá a outra freguezia.

ABBADESSA.

(*A parte*) Forte selvagem! (*alto*) Bem se vê que o senhor veio da terra das onças...

FILIPPE.

E dos monos! Temos conversado.

PADRE VENTURA.

Deve reparar madre abbadeça, que não tem remedio senão fazer a vontade ao Sr. Felippe da Gama.

FILIPPE.

Tal e qual! Apito na bocca, e marinheiro nas gaveas!

ABBADESSA.

Vou em attenção ao Sr. Padre Ventura!... (*vae a sahir e torna atraz*) É verdade. E o primo da menina?

PADRE VENTURA.

(*Interrompendo-a*) Por quem é, querida irman, compa-

deça-se das saudades d'este pai, que não vê suas filhas ha tanto tempo.

FILIPPE.

Sua paternidade fallou como um Bispo! Não me tire dos meus eixos Madre Abbadeça, olhe que eu estou por um fio a metter a proa áquella porta. (*Aponta por a porta do interior*) Não se queixe depois.

ABBADEÇA.

Faltava-me vêr isso! (*A Ventura*) Mas se o primo está lá, porque não hade subir tambem?

PADRE VENTURA.

Porquê não é occasião agora... bem vê!.. (*Falla-lhe em segredo*)

FILIPPE.

A senhora faz de mim sineta de surdo? Se tem primos, ature-os ou despeça-os, mas não m'os empurre. E esta? O que eu quero é que me traga as mesmas filhas.

ABBADESSA.

Até me admira, que o não encontrasse e que não viessem juntos?

FILIPPE.

(*Assoprando no castão da bengalla*) E que me dizem ao da rebeca? Os primos das abbadeças são princepes da casa? Olhe: se o hospital dos doidos se não mudou para Santa Clara, deve estar perto.

ABBADESSA.

Tem razão. O que admira é ver os doudos soltos. (*A Ventura que lhe acena que saía*). Vou já, padre Visitador. O sr. Filippe não morre por esperar mais dous minutos (*entra para o interior do convento*).

SCENA V.

PADRE VENTURA, FILIPPE DA GAMA.

FILIPPE.

Que serpente, anjo bom! E se não fosse V. Paternidade, esta meia hora mais chegada, não parava de moer. Agradeço-lhe.

PADRE VENTURA.

Sei que chegou hontem...

FILIPPE.

E por signal que ía ficando na rua...

PADRE VENTURA.

Sim? porque?

FILIPPE.

Porque para bater á porta duas cousas sam precisas — ter casa — e saber aonde ella é. Ha doze annos, que andava fóra e ha sete completos que não recebia noticias .. Quem tem bocca vae a Roma, diz o rifão, mas esta Lisboa, é uma loba, e um homem não hade andar a perguntar a toda a gente pelo sujeito da capa parda. Puz-me então a scismar, e eis o que fiz... Lembrei-me do meu antigo amigo fr. João dos Remedios...

PADRE VENTURA.

E foi procural-o?

FILIPPE.

Tal e qual. Mas primeiro que lá chegasse foram peras! Parti direito ao Rocio. Na rua dos Ourives vi um homem parado: parei tambem, e perguntei-lhe: sabe-me dizer se o padre fr João dos Remedios estará ali em cima, em S. Domingos? Que resposta cuida que me deu aquelle seresma?

«*What do you say?...*» Era Inglez o maldicto! Pés para que te quero. Entro na rua dos escudeiros, e dou com outro estafermo embasbacado; pergunto-lhe o mesmo, e chapa-me: *Whas verlangen sie!*» Era allemão... caspité! Deitei a todo o panno, e já bem azoado chego ao Rocio e topo com um soldado, fallo-lhe, e sáe-me com esta cantiga em soprano: '*Che siete voi per capo di Caio Mario!*' Fiquei varado! Até que a final, mesmo na portaria do convento, encontrei um figurão desengonçado, pedindo, para as almas, e por signal com uma cara de não ser boa rez, e por elle soube, que se chamava Thomé das missas, ou das Chagas, e que o padre Remedios estava lá em cima, na sua cella. Ora diga-me, sr. Jesuita, isto é Portugal, ou que demonio é? O que anda por cá cheirando tanta gente de fóra? Hade perdoar, se o offendo, o sr. tambem me não parece portuguez, mas...

PADRE VENTURA.

Desejava muito sel-o, póde acrescentar! Essa gente veio na armada dos alliadas, e entretem-se chupando a olha da panella portugueza.. Ahi vem suas filhas... Veja pelos seus olhos, que não lhe menti!

SCENA VI

OS MESMOS, CECILIA, THEREZA E A ABBADESSA.

AMBAS.

Meu pae! meu querido pae!

FILIPPE.

Alto! Não me amarrotem os engommados, que não estou para ouvir sua mãe, mais os seus padres nossos! (*Abraçando-as e beijando-as enternecido*). Minhas filhas da minha alma! Estão lindas!.. sam duas perolas!

CECILIA.

Bem me dizia o coração, que ainda o havia de tornar a ver. Nunca pude acreditar...

FILIPPE.

Que eu tivesse morrido. Pois olha, eu mesmo, e mais estou vivo, ainda não sei como isso foi. Bem me posso pezar a cêra. Safa!

THEREZA.

Deus ouvio as nossas orações...

FILIPPE.

E as da minha desconsolada e santa Magdalena!.. Então, voscês fazem-me lagremejar, raparigas? E esta? Nada de mulherices! Um homem é um homem! (*Limpa os olhos a furto*). E se me vissem, não lhe dizendo quem era, conheciam-me?

CECILIA.

Eu conhecia, meu pae!

FILIPPE.

Pois olha, tua mãe, que tinha mais razão disso... não foi capaz. Nada de coisas tristes. Aguas passadas não moem moinhos. (*A Thereza*). É verdade; que historia é essa, que me azoinou os ouvidos, ainda agora, de te quereres metter freira? Tu sabes lá o que te convem, ou o que precisas! Ora pois! É ir já para dentro metter no bahu o vosso fato; e despedir das vossas amigas. . . Não quero filhas de gaiola! (*Aponta para a grade*). Sua mãe, esta tarde, vem buscal-as.

CECILIA.

E vamos ambas?

FELIPPE.

Essa é boa! Só o que eu me zanguei com tua mãe por vos metter aqui! Beatas e gulosas comigo não ham de medrar. Mas ella é toda d'essas carolices!

ABBADESSA.

(*Irada*) No convento de Santa Clara ensina-se a religião e o temor de Deus...

FILIPPE,

Adeus! adeus! Comigo não faz farinha. Diga isso a Magdalena. (*Ouve-se uma sineta dentro*) Estas badalladas são para o meio dia? Pois então, filhas, até á noute. O tio commendador, lá em horas de comer, não é para graças!... (*Vai a sair, torna atraz, abraça-as, e beija-as*) Até a noute! sr. padre... como é a sua graça?

PADRE VENTURA.

Julio Ventura.

FILIPPE.

Pois sr. padre Julio Ventura—a casa é de meu tio, mas não importa. Cada vez que quizer... Sr.ª madre Abbadeça desculpe alguma offensa, mas sempre lhe digo, que é a pessoa mais birrenta... Safa! (*sáe*).

THEREZA.

E eu vou á minha cella dispor tudo para á tarde... (*sáe pela porta interior*).

SCENA VII.

PADRE VENTURA, CECILIA E A ABBADESSA.

CECILIA:

Ah! padre Visitador! Meu pae vivo, e ao lado de mi-

ma mãe, que ha tantos annos o chora! Como ella hade estar contente agora! (*Entre lagrimas*)

PADRE VENTURA.

Não sam coisas que se levem com lagrimas! Para a tristeza o que reserva então?. Madre Abbadeça póde mandar entrar aquelle parente, que está esperando...

SCENA VIII.

CECILIA E PADRE VENTURA.

PADRE VENTURA.

Seu pae, foi satisfeito, Cecilia, das perfeições que achou nas suas filhas

CECILIA.

Se elle soubesse!.. Padre Ventura diz-me o coração que chegou a hora...

PADRE VENTURA.

De alguem lhe ter amor? Socegue. Sei tudo.

CECILIA.

Tudo!

PADRE VENTURA.

Tenho um dedo, que advinha... Sei que faz hoje cinco mezes um cavalleiro moço a viu em S Domingos, e lhe declarou um mez depois o seu amor, uma sexta feira á noute, n'este jardim. Sei quem lhe deu entrada, levou, e trouxe os recados. Sei mais que hontem, ainda hontem, lhe escreveu elle pela mesma beata uma carta para lhe dizer, que viria hoje, a esta hora, custasse o que custasse... Admira-se? Sam milagres da nossa roupeta. Cecilia, eu não censuro, nem approvo. Os Jesuitas, hade convencer-se, não sam tão máos

como quer o padre fr. João dos Remedios, nem como diz a madre Abbadeça, que é uma santa pessoa...

CECILIA.

Mas quem revelou a V. Paternidade?...

PADRE VENTURA.

Provavelmente alguem que o sabia. Filha, nada se faz que se não descubra. Repito: nem condemno, nem absolvo. Mas diga-me: não sabe, ou pelo menos não suspeita quem elle é, e o que póde vir a ser?

CECILIA.

Amo-o! Não sei mais, e basta-me.

PADRE VENTURA.

Faz mal. Receio que do coração lhe venha a morte. Já tem idade, e deve reflectir. Olhe que o sacrificio é grande aos olhos de Deus, e immenso aos olhos do mundo.

CECILIA.

V. Paternidade assusta-me! Sabe alguma coisa?

PADRE VENTURA.

Eu? Não vê, que estou perguntando? Antes de se decidir procure confirmar-se na verdade. Lucte em quanto tiver forças, e não podendo vencer-se, tracte de remir a culpa com o exercicio da virtude. A voz do mundo, não é sempre verdadeira; ouça antes a voz do ceu. Saiba que para o serviço de Deus importam menos os meios, que os fins.

CECILIA.

Não entendo a V. Paternidade.

PADRE VENTURA.

Um dia inteuderá. É a madre abbadeça... e seu primo vem por este lado. (*Ás palavras do Ventura, tem apparecido os dous a cada uma das portas*).

CECILIA.

(*Vendo D. João*). Ah!

SCENA IX.

OS MESMOS, D. JOÃO E A ABBADESSA.

ABBADESSA.

O sr. padre Ventura assegurou-me que era parente d'esta menina, e que tem coisas importantes a dizer-lhe. Entendemos, que este lugar era mais proprio, do que a grade. Póde fallar, mas desculpe, se o meu dever me obriga a assistir.

PADRE VENTURA.

Se me dá licença, veneravel madre, já resolvemos esse ponto. Não ha inconveniente em ficarem aqui os dois primos um instante. Cecilia não é freira, e a prova, é que sahe esta tarde do convento.

D. JOÃO.

(*Com alegria*) Ah!

PADRE VENTURA.

(*Continuando*) Assim elles ficarão aqui, e nós vamos para a casa da secretaria, que é a proxima. Tenho que lhe communicar.

ABBADESSA.

Obdeço, padre visitador; mas sempre digo que lavo as minhas mãos. Não respondo senão por mim.

PADRE VENTURA.

E não faz pouco. O mal e o abuso é abrir os ralos dos locutorios ao vicio e á seducção — e fazer da casa de Deus casa de murmurações e de requebros profanos.. Eis o perigo e o peccado, mas hade remediar-se com a ajuda de Deus.

ABBADESSA.

Menina! Sabe quem manda aqui, e as minhas ordens quaes foram. Veja o que o seu parente lhe quer, e depois peça licença, e retire-se immediatamente.

PADRE VENTURA.

Cecilia!.. Póde ouvir e responder. Esteja em quanto lhe for preciso, e prohibo-lhe que deixe este quarto sem minha venia. Não lhe recomendo modestia e circumspecção por que lhe faço justiça. Não ignora o que deve a si, e a esta casa.

ABBADESSA.

V. Paternidade ignora que eu estou aqui, ou julga que não sou já a prelada d'esta casa?

PADRE VENTURA.

Eu já lhe perguntei alguma coisa madre Abbadeça, ou esse interrogatario envolve a temeridade de querer pedirme contas? Vamos, querida irman, já lh'o notei, temos que fallar, e não me posso deter muito. (*Sae com a Abbadeça pelo interior*).

SCENA X.

D. JOÃO E CECILIA.

(*Apenas elles desapparecem D. João apodera-se da mão de Cecilia, que o repelle brandamente*).

CECILIA.

Ás santas só é que se beija a mão !..

D. JOÃO.

A alegria enlouquece! olha, estou ao pé de ti, vejo-te, e ainda não posso crer. Se soubesses com que saudade esperei para este dia, e o receio que tive d'elle não chegar! Cecilia!... A felicidade deseja-se, imagina-se, mas assim de repente — é como a dôr — custa a supportar. Assegura-me que não é sonho! Se o não ouvir, aqui mesmo e da tua bocca... embora os meus os olhos digam que sim, ainda duvidarei... Salva-me!

CECILIA.

Com tam pouca fé será possivel? Heide pegar-te na mão, e pôl-a sobre o coração para que sintas, que não bate menos, do que o teu? Em que acreditas, se os olhos estão a ver, e tu duvidas?

D. JOÃO.

Em ti, como em Deus!

CECILIA.

É de mais. Se amasses com fé...

D. JOÃO.

Poderia salvar-me?

CECILIA.

Talvez!

D. JOÃO.

E promettes ouvir-me?

CECILIA.

Estaria aqui sem isso?... Queres, que mais timida, antes de te ouvir, eu diga que amo? Sou alegre, serei criança, como elles me chamam, mas os meus juramentos estão firmes... Foram feitos diante de Deus, e gravei-os na minha alma. A ventura, que posso esperar, toda a entreguei nas tuas mãos. O que faço não é bom, sei! O mundo tinha razão, se me accusasse... Uma donzella, que se estima não diz assim de repente a um homem, o que eu estou dizendo. Mas sabes? Confio em ti! Se abusasses... desprezava-te, e quando se despreza... o amor caío, e não tem virtude. Tu e eu somos incapazes de dar essa morte ao nosso... não é verdade?

D. JOÃO.

Porque és bella de mais, porque ha nos teus olhos a pureza dos anjos, é que deves crêr que o amor comtigo, nasceu e arde sem um pensamento mau! (*Quer ajoelhar*) Cecilia! Tens razão. Vim para te jurar que és a luz da minha vida, e agora, aqui, as palavras fogem-me!... É que a alma de contente não póde com a felicidade. Se visses com que saudade te fallo na ausencia, a magoa com que te chamo, e a alegria que me alvoroça, ouvindo o teu nome, o teu doce nome! Eu, que não devo inclinar a cabeça senão a Deus, e a meu pae, que não ajoelho senão a Christo, olha, estou prostrado, e quasi que deixo correr as lagrimas sobre as tuas mãos!... Dize, esta vista que se inflamma com a tua, este coração, que estremece suffocado de jubilo, não valem mais do que juramentos e promessas?

CECILIA.

Agora! N'este instante! João, tenho medo de tanta felicidade!... sou fraca, sou mulher... receio, que o amor, que é a minha luz, se apague, não sei de que modo. uem por que mãos?

D. JOÃO.

Que loucura! Teme só a morte. Ella é que póde separar-nos

CECILIA.

(*Triste e impetuosa*) Não jures, não digas nada! Para que? Estes momentos, o dia de hoje sam meus, bem sei; mas depois? Eis o meu receio! Rainha, dava-te uma coroa; simples donzella, sem fidalguia, nem thesouros—dei-te toda a ventura, que posso... viver comtigo. Não tenho senão isto—e entrego-t'o.

D. JOÃO.

(*Beijando-lhe a mão*) E reinar sobre esse coração, é pequena gloria? Não, anjo da minha alma, socega! Esses bellos olhos porqne estão tristes? Quero-os firmes no imperio, que lhes dei! Lagrimas aqui, ao pé de mim!... Vamos! A bocca, formada pelo amor em um sorriso, não hade ficar triste e pensativa! Duvidas de mim, e da minha ternura?

CECILIA.

Não duvido, creio. Mas ouve-me, o tempo é precioso. Esta tarde saío do convento, aonde colhi as doces e ternas memorias da minha vida. Se não tornar a vêr-te, este annel é para te lembrares. Promettes, olhando por elle, dar uma saudade á tua Cecilia? (*Passa-lhe o annel no dedo*).

D. JOÃO.

Juro!... Sobre a minha alma e a minha honra protesto antes morrer, do que esquecer-me!

CECILIA.

E não amas outra?

D. JOÃO.

Ninguem te igual-a.

CECILIA.

Serás meu só meu?

D. JOÃO.

Não vês que tanta gloria mata? Não reparas que nos esperam as saudades?

CECILIA.

A saudade tambem consola. Disse-te que amava, e nunca te perguntei quem eras. Ha um segredo que me occultas. Porque escondes o teu nome? Meu egual, o que te impede? Meu inferior eu descerei...

D. JOÃO.

(*Sorrindo*) E fidalgo? E grande?

CECILIA.

Subirei para te encontrar.

D. JOÃO.

Não, querida, eu é que heide subir para te igualar. Rainha, davas-me a corôa, e se eu desejo um throno é para te assentar n'elle. Um dos meus... um dos nossos reis não fez rainha a linda Ignez?

CECILIA.

Triste rainha... depois de morta! Mas quem és, responde?

D. JOÃO.

Um homem, que desejava ser Deus para viver comtigo eternamente.

CECICIA.

Mas que não é rei, apesar dos seus desejos... E Conde és?

D. JOÃO.

Não. Mas os condes...

CECILIA.

Valem menos. Queres que diga? Desejava-te grande fidalgo. Como as gallas da côrte cahiriam bem n'esse airoso corpo! E os bordados, e diamantes ornando esse peito, que é tão nobre!... Vês, se fosse Deus, fazia-te rei, agora mesmo.

D. JOÃO.

Querida, a galla verdadeira de um cavalleiro é a sua espada.

CECILIA.

E teu pae? Chama-se?

D. JOÃO.

Pedro.

CECILIA.

O teu nome todo?

D. JOÃO.

D. João de Villa-Viçosa.

CECILIA.

Então és fidalgo, e titular talvez?

D. JOÃO.

Na minha familia o titulo é o direito, e custou caro?!

CECILIA.

E deixas por mim as damas, as senhoras da côrte?!

D. João.

Deixaria por ti uma princeza.

Cecilia.

(*Pegando-lhe nas mãos com enthusiasmo*) D. João, pobre amava-te! Mechanico, adorava-te! Sem parentes nem riqueza, queria-te com igual extremo. O meu amor te serviria de pae, de nome, e de nobreza...

D. João.

E eu Cecilia, pela alma de minha mãe o protesto! Por ti esquecerei familia, poder, grandezas, se...

SCENA XI.

Os mesmos e o Padre Ventura.

Padre Ventura.

(*Que entrou sem ser visto e ouviu tudo*) Se Deus não ordenasse aos filhos que venerassem em seus paes a imagem do Creador!

D. João.

(*Com impeto*) Padre! Julguei que estava só.

Padre Ventura.

(*Frio e sereno*) E só esteve. Apenas ouvi as ultimas palavras, e essas não diziam nada, porque não posso acreditar, que dissessem muito... Cecilia, seu primo tem deveres pezados, intenda. Roguemos a Deus, que o auxilie pa-

ra os desempenhar com gloria. Se o ama segundo o seculo, conte com o seu coração... não conte com mais nada.

CECILIA.

E que mais posso desejar?

PADRE VENTURA.

Conforme. Ás vezes, ignorando o valor das coisas, damol-as de graça, e depois arrependemo-nos.

D. JOÃO.

(*Irado*) Padre!...

PADRE VENTURA.

O meu nome é Julio Ventura. (*Para Cecilia*) Seu primo é bom e justo. Sabe que lhe corre nas veias o sangue mais illustre d'estes reinos, e que o primeiro... um dos primeiros fidalgos portuguezes deve ser o symbolo da honra... Isto bem considerado hade inspirar-lhe uma resolução virtuosa, e digna d'elle.

D JOAO.

(*Impetuoso e féro*) Se V. Paternidade sabe a quem falla, não continue, aconselho-o!

PADRE VENTURA.

Aconselha mal, é o que faz. Na companhia, deve saber, costumam experimentar-nos desde noviços para todos os lances e trabalhos... Quem préga na America, na China, e no Japão, conhece a que se expõe! não ignora que póde mor-

rer pela verdade; e com tudo isso o Evangelho chegou pela nossa bocca ás regiões mais barbaras; e a cruz arvorada por nós e regada pelo sangue dos nossos martyres está de pé e floresce... Cuidei que lhe tinham ensinado isto... (*Para Cecilia*) Sejamos razoaveis. O que lhe disse, Cecilia, é exacto. Seu primo tem grandes obrigações a cumprir. Fidalgo, a sua honra é sagrada; portuguez ámanhã, hoje mesmo se fôr chamado... hade ir.

D. JOAO.

(*Altivo e impetuoso*) Heide ir?! Ás ordens de quem?

PADRE VEETURA.

Ás de el-rei e da sua patria, julgo eu. Creio que obedecerá a ambos.

CECILIA.

Mas isso o que tem com o nosso amor?

PADRE VENTURA.

Tudo, ou nada, filha. Se nos limitarmos ao estado em que nascemos, passa a nuvem, e não nos toca. Se nos excedermos, póde alcançar-nos. Deixemos as allegorias. Quer saber, se tem deveres pezados, seu primo? Veja. (*Tira do seio uma carta e entrega-a a D. João*).

D. JOAO.

Quem lh'a deu?

PADRE VENTURA.

A pessoa que a escreve.

D. JOAO.

Então sabe?

PADRE VENTURA.

Só o que me dizem.

D. JOÃO.

(*Depois de lêr com sobresalto*) Não importa. Veremos se este casamento se faz, não querendo eu!... (*A Cecilia*) Sou obrigado a sahir já. Esta carta é na realidade importante. Mas socega. Dentro de poucos dias nos veremos. Bem sabes, não posso com as saudades da ausencia! (*estas palavras são ditas a meia voz á bocca da scena*).

PADRE VENTURA.

(*Passando ao lado de Cecilia, em quanto D. João relê a carta*) Eu não lhe dizia que seu primo tinha devêres, e que havia de cumpril-os?

D. JOÃO.

(*A Ventura*) Padre Ventura, procure-me, precizamos fallar! (*Ventura inclina-se profundamente a Cecilia, pegando-lhe na mão, e tirando-a de parte*) É o meu retrato! (*entrega-lhe um pequeno maço lacrado*) Lembra-te com elle de quem te repete que é mais facil morrer, do que esquecer-te. Adeus! adeus! (*Sáe arrebatado*).

SCENA XII.

PADRE VENTURA E CECILIA.

CECILIA.

(*Depois de curta pausa, tendo mettido o retrato no seio*) A carta, meu padre, era de muito valor?

PADRE VENTURA.

Filha, aquella carta vale uma corôa.

CECILIA.

Então D. João é?...

PADRE VENTURA.

Mais baixo! De vagar! E' um homem que está para receber a maior herança de Portugal.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II.

Uma salla em casa do Commendador Lourenço Telles. Mobilia do seculo XVIII. Portas ao fundo e lateraes Uma janella do lado esquerdo.

SCENA I.

CECILIA E THEREZA

THEREZA.

E como acaba a historia? Estou anciosa por saber. Flor dos corações reinou com elle?

CECILIA.

Não. Conta o livro, que Flor dos corações, sabendo que o seu amante era rei, como tinha os merecimentos, e não o sangue, e não podia ser rainha. . .

THEREZA.

Não podia? . . . Porque?

CECILIA.

E' simples; porque as pastoras não são princezas. . .

THEREZA.

Então deixou-a?... E ella morreu de pena?

CECILIA.

Era mãe. Viveu para crear seu filho!

THEREZA.

Mas o principe esqueceu-a?

CECILIA.

Não. Cada vez lhe tomou mais amor!... E as saudades foram tantas, e tão grandes, que adoeceu, e mandou que a procurassem pelo seu imperio com promessa de grandes premios. Os medicos prognosticaram, que a morte do principe era infallivel se Flor dos corações não apparecesse para o salvar.

THEREZA.

E ella?...

CECILIA.

Appareceu, e salvou-o. Não podia ter animo de o ver morrer. Depois, bem sabes, irman, elle amava-a!

THEREZA.

Pois eu não ia, ainda que soubesse que o matava! O perfido! Não acha a pastora fidalga para a seduzir, e envergonha-se, depois, e não se atreve a premiar um coração, que lhe fôra tão fiel na desgraça. Quem me desprezasse, embora morresse, não tornava a baixar os meus olhos para elle!

CECILIA.

Era o pai do teu filho, ias! Era o primeiro. e unico amor da tua vida, tornavas. Theresinha, verás um dia! Estala-se de paixão; cançam-se os olhos de chorar; é uma

dôr d'alma, que se não explica. . . mas odio, o odío mortal, que tu julgas, finge-se, mas não existe. Se o amor foi verdadeiro sabes que nome tem o odio? Chama-se ciume, saudade, e magoa! Deixa dizer, tudo o mais é falso. Deixa fallar; o orgulho mente.

THEREZA.

Como estás adiantada, Cecilia! Sou noiva ha quasi dous annos; amo e estimo Jeronimo; sei o que uma paixão custa. . . e apesar d'isso, agora vejo, não sabia nada.

CECILIA.

Tambem eu vejo, ou advinho. O que sentes, o que palpita no teu peito, nunca se chamou amor. . .

THEREZA.

Como lhe chamarás então?

CECILIA.

Tudo, menos isso. Quando se estremece alguem devéras, o jubilo de o ver converte-se em loucura. Se o coração nos não pertence! Por ora, Theresa, sonhas só com a ternura, e nada mais.

THEREZA.

Sonho?. . . E talvez seja essa a verdade. Eu é que me enganava. O amor por força deve ser mais. Mas dize, Cecilia: tu não sabias se não tivesses amado já, se não amasses ainda! Não te accuso. O segredo fica entre nós. Amas!. . . Não sei a quem, nem pergunto; mas percebe-se nos olhos, vê-se no rosto. Possa elle ser digno do teu affecto! Por mim não me queixo. Antes de prometter devia conhecer melhor o estado da minha alma. Fui credula; assentei que amava, e o coração estava mudo, porque dormia.

CECILIA.

Minha irmã!... Tem confiança em Deus.

THEREZA.

Não sabes que é sagrada a palavra de meu pai, e que elle a deu?

CECICIA.

Não importa. Chama Jeronymo, e conta-lhe tudo. Queres que eu o desengane?

THEBEZA.

E' tarde. Agora desprezava-me.

CÚCILIA.

(*Abraçando a irmã com impeto. N'este movimento caelhe um retrato do seio*) Não! não pódes ser sua esposa. Falla-lhe. Diz-lhe como eu lhe diria: «quero-lhe muito, mas não o amo. Sejamos irmão, e irmã, já que não podemos ser mais... (*reparando no retrato*) Ai! o meu retrato!

THEREZA.

(*Apanhando-o*) Até que afinal vóu saber tambem o teu segredo.

CECILIA.

Não abras; peço-te.

THEREZA.

Abrio-se elle por si... Mas se é segredo... não olho.

CECILIA.

Um dia verás; mas agora!...

THEREZA.

Agora sim. Não te confias de tua irmã?

CECILIA.

(*Indo á janella*) Confio.

THEREZA.

(*Vendo-o*) Ah! Sancto Deus! E'... Não ha duvida; é o mesmo que D. Catherina de Athaíde me mostrou, ao lado do seu noivo...

CECILIA.

Então? Como o achas?

THEREZA.

Esbelto mancebo. E chama-se?

CECILIA.

D. João de Villa Viçosa. Queres saber se está parecido? Repara! Ali vai elle em companhia do conde de Aveiras.

THEREZA.

(*Olhando tambem pela janella*) Agora já não posso duvidar... Perdida! Estás perdida, minha pobre irmã!...

CECILIA.

(*Voltando e notando a palidez da irmã*) O que tens, meu amor?

THEREZA.

Cecilia, eu bem temia!... Este retrato sabes o que é?

CECILIA.

Porque me assustas?

THEREZA.

E' a morte; é a desesperação, senão morreres.

CECILIA.

(*Sorrindo*) O meu retrato?

THEREZA.

Esse mancebo, por minha alma te juro, que não pode ser teu esposo. Acreditas na amisade de tua irmã? Por amor d'ella farás um sacrificio?

CECILIA.

Explica-te.

THEREZA.

Promettes não o tornar a ver senão depois de nove dias?

CECILIA.

Não posso. Não sabes que o espero hoje, que vem logo? Em nome do ceu, falla, minha irmã. Dize: elle é casado?

THEREZA.

Não.

CECILIA.

É fidalgo?

THEREZA.

Muito.

CECILIA.

Então?

THEREZA.

Irmã, mesmo solteiro é como se fosse casado. Põe na tua idéia, que o amas, mas que está morto.

CECILIA.

Fazes-me viuva sem sêr esposa?

THEREZA.

Não perguntes. Salva-te. Salva-te que ainda é tempo.

CECILIA.

Olha, ditosa, ou infeliz, é a minha sina. Deixa-me viver e morrer com ella. Ahi vem Jeronymo. Fica só com elle; e dize-lhe tudo. Hade perceber, e resignar-se. (*beija-a e sáe*).

SCENA II.

THEREZA DEPOIS JERONYMO.

THEREZA.

Como tu! Quem ama deveras, morre, mas sempre julga que viveu!

JERONYMO.

(*Entrando*) Theresa! Foi o ceu que me trouxe aqui.

THEREZA.

O ceu? Talvez!... Sente-se ao pé de mim, e ouça. Admira-se? Não sabe que somos quasi irmãos?

JERONYMO.

Irmãos?

THERFZA.

Se tivesse um irmão, Jeronimo, havia de amal-o muito.

JERONYMO.

E eu havia de ter ciumes d'elle.

THEREZA.

De meu irmão?

JERONYMO.

De todos. A's vezes chego a invejar as caricias feitas a Cecilia. O meu desejo era sermos sós no mundo, e não haver ninguem no meio.

THEREZA.

Diz que me ama? Quero saber a verdade.

JERONYMO.

A verdade? Uns poucos d'annos de constancia não lhe disseram ainda tudo?...

THEREZA.

(*Com meiguice*) Está disposto a fazer o que eu mandar?

JERONYMO.

Sendo possivel!...

THEREZA.

Sim, ou não?

JERONYMO.

Antes de saber?...

THEREZA.

Descortezia! Sem responder, perguntar? Fazia-o meu cavalleiro.

JERONYMO.

Seu cavalleiro, Thereza? Não se lembra já que sou seu captivo?...

THEREZA.

Ah! Recorda-se de quando cantavamos o romance da Donzella que vai á guerra, e eramos tão creanças?

JERONYMO.

Se recordo!... Era em Cintra. Assentavamo-nos por

signal debaixo das arvores, vendo correr a agua. Um dia, disse-me duas palavras, e deu-me um annel... Que tarde aquella! Nunca os teus olhos, Thereza, foram mais bellos. Vivos que nem o sol que rompia pelas sombras do arvoredo; verdes, puros, que faziam a inveja d'aquellas folhas que não bolia sequer um sopro! Se aquella tarde me esquecer, diga, Thereza, que já não sou do mundo...

THEREZA.

Lembras-te bem, demais! Cuidei que hoje...

JERONYMO.

Nunca esquece! O coração morria se não vivesse de tudo isto. Estava de joelhos, e não sei como, a bocca chegou á tua mão, e voôu um beijo... Sorrindo, e fugindo com os dedos, tiraste á pressa a tua memoria de ouro, e deste-m'a em penhor. Eil-a aqui! Depois sentindo os passos de tua mãe, não pude conter-me, e exclamei: Thereza, é o teu amor que me dás aqui?

THEREZA.

E por signal eu não respondi!

JERONYMO.

Parti logo depois. Foi a ultima viagem. Os perigos e as ondas em tormenta não me assustaram; sabia que havia de voltar, e ver-te. Se fiz alguma acção, que chamaram grande, era para saberes de mim! Sobre as aguas do mar eras sempre a minha estrella; nas solidões da America acompanhou-me a tua imagem. Nunca me achei só, senão ao pé de outra mulher. Ha tres annos que vivo de esperanças, e o penhor foi esta memoria. Dir-me-has hoje o mesmo que na vespera de S. João á tarde? Callas-te, choras? Não tenhas susto, não me queixarei, não te direi senão uma vez ainda que te adoro. Recebe o teu annel e ficas livre! Só te

peço que não me digas tu mesma que hei de perder-te. Sou mais fraco do que julgas.

THEREZA.

Jeronymo, eu não mereço o seu amor! Tem muitas saudades d'esse tempo? Não lhe parece que vivemos demais... em sonhos? E se nos tivessemos enganado?

JERONYMO.

Enganado!...

THEREZA.

Deixe-me dizer! Supponha que me enganei eu! E se não houvesse amor? Se fosse amizade, extremosa... mas só amizade? Não era bastante, não era melhor?

JERONYMO.

É tão diverso!

THEREZA.

Menos do que julga!... Uma irmã é o sangue do nosso sangue.

JERONYMO.

Mas uma esposa, Thereza, é o sangue da nossa alma. Uma irmã é muito; porém o amor é tudo. Thereza, conhece que estremeço Cecilia, e sabe se desejava vel-a feliz... pois, se a perdesse podia consolar-me, e viver depois...

THEREZA.

Parece-lhe. Costumou-se a vêr em Cecilia uma irmã, e em mim a sua noiva. É d'onde procede. Pois eu era capaz de aceitar a troca!

JERONYMO.

Tu!

THEREZA.

Eu! Não se admire. Tenho medo, assusta-me vêl-o assim... Não amou outra, não conhece ainda...

JERONYMO.

(*Com ironia e amargura*) E se tivesse amado, perdoava-me?

THEREZA.

Promette confessar-me tudo?... Sou discreta. Foi ha muito tempo?

JERONYMO.

Desde a ultima viagem!

THEREZA.

Ah! Quando me dizia, justamente, a mim... E amou-a muito?

JERONYMO.

Tanto, que só agora sei, que ainda se póde querer mais!

THEREZA.

Ah! Hoje é que se engana, talvez! Era bonita?

JERONYMO.

Linda como só conheço uma! Se eu lhe mostrasse o retrato!?

THEREZA.

Para que? A discripção basta. Se é galante e prendada como diz; se é menina e meiga como creio...

JERONYMO.

Tem a sua idade; nem um dia mais.

THEREZA.

Jeronymo, se não quizesse ser sua irmã, sabe que é cruel o que acaba de me dizer? E se eu o amasse? Julga

que uma esposa, depois d'esta confissão, ANIMADA, digo só ANIMADA, não ficava infeliz por toda a vida?

JERONYMO.

Thereza, quem amava era eu. Ella não.

THEREZA.

Ah! os homens! os homens! E eu que cheguei a crer!... Se o tivesse amado, Jeronymo, despresava-o. Esse riso fere mais ainda, do que as palavras, e é indicio d'uma alma... que outros souberam conhecer melhor.

JERONYMO.

Ao menos veja o retrato. Se elle me não desculpa...

THEREZA.

O retrato! Que me importa? Eu conheço-a? Ella sabia?

JERONYMO.

Conhece!... Sabia!

THEREZA.

Oh! então quero conhecel-a eu tambem. O retrato! o retrato! Mostram'o.

JERONYMO.

(*Conduzindo-a diante do espelho*) Eil-o aqui. Dirá ainda que me enganei? (*Leva-a ao espelho, e mostra-lhe o rosto diante do vidro.*)

THEREZA.

(*Vendo-se, e sorrindo*) Ah! Vou dizer-lhe a verdade!... Pensei que não lhe tinha amor; cuidei que era só ternura, affeição d'irmã; mas ainda agora, quando imaginei que ou-

tra era mais amada, senti o coração. Sei só que se o visse esposo d'outra...

JERONYMO.

Acabe.

THEREZA.

Não. Ainda tenho medo de o enganar.

JERONYMO.

Porque não morri eu antes de vir aqui!

THEREZA.

Porque não se morre quando ha esperança!

JERONYMO.

Uma pergunta só, Thereza: ama, ou amou alguem?

THEREZA.

Não sei.

JERONYMO.

Mas receia amar? Teme?...

THEREZA.

Desejo!

JERONYMO.

E diz-me que espere?

THEREZA.

Sim!

JERONYMO.

E manda-me viver?

THEREZA.

Sim. Não percebe que se eu amar, somos felizes?

JERONYMO.

Basta. Adeus.

THEREZA.

Volta?

JERONYMO.

Quero saber o que devo esperar. (*Sáe*)

SCENA III.

THEREZA, CECILIA, DEPOIS O COMMENDADOR E O ABBADE.

CECILIA.

(*Que entrou*) Então, disseste-lhe tudo?

THEREZA.

Disse.

CECILIA.

Tiveste animo para lhe confessar que o não podias amar?

THEREZA.

Não! Olha Cecilia... parece-me, que principiei hoje... Estava enganada!

CECILIA.

Devéras? Escuta! Não! Vamos para o meu quarto. Não vês quem ali vem? (*vão sentar-se n'um sophá á esquerda*)

COMMENDADOR.

(*Ao abbade entrando*) Então, querido abbade, ateimará ainda que Horacio na sua ode quiz citar o patriarcha Japhet em logar do heroe da fabula? *audax Japeti genus?*

ABBADE.

Meu amigo, cada vez estou mais convencido. Depois de nos separarmos hontem, offereceu-me a fortuna um manuscripto precioso, em caracteres allemães minusculos vulgarmente chamados gothicos, e folheando ao acaso, descobri os commentarios de algumas odes do poeta valido de Mecenas. Ora o glosador entendeu justamente este verso como eu...

COMMENDADOR.

Que serie de prodigios! Com que o sr. abbade viu o livro? Diga-me, o frontispicio tinha araras, ou papagaios? Nunca me hão de esquecer aquelles maldictos pavões de ouro, que tanto citava, e que eu tive a simplicidade de andar procurando na torre do castello, no meio das risadas dos archivistas!

ABBADE.

O livro existe, sr. Lourenço Telles!

COMMENDADOR.

Mas os pavões voaram, heim?

ABBADE.

Deixe-se de remoques improprios da sua idade, e indignos do respeito que deve aos outros. Vi o manuscripto, sim senhor. Por signal é um volume de capa de pergaminho, e feichos de latão. Torno a repetir: vi o livro; admirei o relevo dos seus caracteres gothicos; e asseguro-lhe que é dos ultimos annos dos templarios...

COMMENDADOR.

Justamente! Escripto por Gualdim Paes, que sabia Horacio como um mestre de meninos, e illuminado por Francisco de Hollanda, que viveu tres ou quatro seculos depois...

Dou-lhe os parabens! D'esta vez não resuscitou os mortos; fez mais do que Jesus Christo, metteu no bolso trezentos, ou quatrocentos annos. Pasmo como ainda lhe não caíram os dentes! É preciso serem de ferro para mastigar similhantes pilulas.

ABBADE.

Sr. Lourenço Telles, compadeço-me das trevas do seu espirito. O manuscripto ha quem o tenha; fiquemos n'isto.

THEREZA.

(*A Cecilia, em quanto os dous vão ao fundo agitados*) E tu prometteste?

CECILIA.

Prometti.

THEREZA.

À noute... no jardim?

CECILIA.

Sim.

THEREZA.

Não vás, peço-te.

CECILIA.

Vou.

COMMENDADOR.

(*A Cecilia*) Confidencias, e entre irmãs? Não ha que reparar!... E Jeronymo, que é d'elle?

THEREZA.

Não o vejo desde esta manhã!

COMMENDADOR.

Percebo! Temos arrufos? Ora pois; logo farão as pazes. Hoje não quero tristezas.

SCENA IV.

OS MESMOS, DIOGO DE MENDONÇA E FR. JOÃO.

DIOGO DE MENDONÇA.

(*Depois de reciprocas cortezias*) Dez minutos para a uma! Caso raro! Se a memoria me não engana é a segunda vez que me succede chegar a um jantar antes da hora justa. Fr. João, encontrariamos nós algum torto em jejum? Fico desconfiado em fazendo qualquer cousa fóra do meu costume.

COMMENDADOR.

Em todo o caso o obzequio é muito lisongeiro.

DIOGO.

O meu antigo amigo Lourenço Telles, dá-me licença para ser verdadeiro? Sempre tenho muito gosto na boa companhia que me faz, mas d'esta vez agradeço a exactidão a sua illustrissima. A impaciencia de aproveitar em tão douta conversação obrigou-me a pôr tudo de parte.

COMMENDADOR.

(*Perdido de riso*) E os negocios?

DIOGO.

Os negocios que esperem! Estes dias são de ferias...

ABBADE.

E sua magestade el-rei nosso senhor?

DIOGO.

Mais precisava de uma visita de v. illustrissima, do que

das venenosas garrafadas, que lhe estão administrando. Sabe sr. Lourenço Telles, que se não fosse o sr. abbade a esta hora tinhamos o nosso fr. João entre os martyres e confessores?

FR. JOÃO.

É verdade. Salvou-me da thesoura da parca... Tinha caído nas mãos de Dionisio Lopes...

COMMENDADOR.

E passou para as do abbade?

ABBADE.

A ingratidão é negra, sr. Lourenço Telles. Esqueceu-se depressa. Lembre-se de que, se ainda conserva queixos e gengivas, a mim o deve.

COMMENDADOR.

Julguei que meu pae se não chamava abbade Silva!

ABBADE.

Deus o tenha em gloria! Longe de mim a idéa de fazer de pae, de quem póde ser avô.

DIOGO.

Vamos fazendo-nos velhos meu amigo; os annos não passam debalde.

ABBADE.

V. S.ª está muito bem conservado.

DIOGO.

Pois a culpa não é minha. Attesto. Devia de ser velho aos 30 annos. Oh! Fr. João, tu lembras-te? aquelles nossos suetos de Coimbra?

COMMENDADOR.

Quem se demora é o padre Ventura. E admira. A companhia de Jesus não costuma fazer esperar.

SCENA V.

OS MESMOS, PADRE VENTURA.

PADRE VENTURA.

Mas em se chamando por ella, verão que sempre a acham perto! (*depois de cumprimentar*) Peço mil perdões se estou incommodando. Mas na escada encontrei-me com o sr. Filippe da Gama, e teve a bondade de me dizer que podia subir.

COMMENDADOR.

V. Paternidade dá-nos sempre muito gosto.

PADRE VENTURA.

Sam esmolas, que agradeço. . . (*a Thereza*) E a nossa noiva como está? Formosa como sempre. Feliz idade!

DIOGO.

(*Ao padre Ventura*) E esta feiticeira não hade ter um noivo? Este coração que está a pular e a fugir como uma andorinha, não lhe armaremos um laço que o socegue? Qual é o seu voto padre Ventura?

PADRE VENTURA.

Receio que ella fique mal comigo?

CECILIA.

Oh! não fico. . . diga!. . .

PADRE VENTURA.

Como quer! O meu voto é que a deixemos escolher; mesmo por que leio nos seus olhos que não cede constrangida. Póde morrer, mas não hade amar senão quando o seu coração disser que sim. Bem vê; ella ri-se; e não me desmente.

DIOGO.

Pois devéras ainda acredita que se morre d'isso?

PADRE VENTURA.

Acredito. V. S.ª é sabio, e tem noticia dos reinos da natureza. Na America ha flores que murcham de dia; parece que o sol as mata; mas em o zephiro as refrescando, e em as sombras da noite cahindo, alegram-se e perfumam tudo. A's vezes o espirito humano é como ellas. Fecha-se mais comsigo do que se cuida. No fim, qual de nós aos desoito annos não fez o seu romance? E a quem não lembra elle? Uns por que teem saudades sempre; outros por fingir que se esquecem; e alguns, os fortes de espirito. . . para acreditarem que verdadeiro é só o amor de Deus, por que fumo e pó sam todas as vaidades do seculo!

DIOGO.

Estou pasmado do que ouço a V. Paternidade? Se o conhecesse menos soppunha que a sua tunica. . . foi o que insinua, uma mortalha? Percebo nas suas palavras ainda um ar de saudade!. . .

PADRE VENTURA.

De saudade, não, é muito; mas de memoria e de arrependimento por que não? Ninguem nasceu perfeito.

CECILIA.

(*A Thereza*) Em quanto não nos chamam para o jantar vamos ao nosso toucador. Aqui não podemos dizer tudo (*levantam-se*).

PADRE VENTURA.

Deixam-nos? não tenho que perguntar vam consultar o espelho?... Sam privilegios de quem é menina e bonita.

CECILIA.

Advinhou V. Paternidade. (*Saem as duas*).

SCENA VI.

OS MESMOS, MENOS AS DUAS.

COMMENDADOR.

Sabe sr. padre Ventura! Tenho ás vezes medo de Cecilia. No meio das travessuras do seu genio, sáe com acertos, que me admiram. Depois é tam fraquinha de compleição, tam franzininha de corpo, que se tivesse desgosto forte...

PADRE VENTURA.

Ella se fará mulher. O corpo parece fraco, mas a alma é grande e o coração tambem. Cuidado com alguma paixão infeliz. Ninguem póde prevêr aonde a levaria a sua dôr.

COMMENDADOR.

Por esse lado estou tranquilla. É tão nova ainda!...

PADRE VENTURA.

Faz mal. A's vezes o amor não espera pelos annos.

COMMENDADOR.

De certo. Eu mesmo (e estou fallando) aos 16 annos já tinha as minhas proezas, como o duque de Richelieu, filho do meu antigo amigo.

DIOGO.

Mas o sr. Lourenço Telles pagando o tributo ás verduras da idade, encostou-se á reflexão, e ficou no prologo.

COMMENDADOR.

Prouvera a Deus!

PADRE VENTURA.

Como está elrei sr. Diogo de Mendonça?

DIOGO.

Por ora os medicos ainda não perderam a esperança. Desde que trouxeram para o seu quarto a bem aventurada imagem de N. S.ª das Necessidades as melhoras continuam. Confio em Nosso Senhor que ellas não hão de parar para satisfação e gloria d'estes reinos.

PADRE VENTURA.

(*Sorrindo*) Elevemos o nosso espirito a Deus! Elle fará o que fôr servido. V. S.ª estava hontem na Côrte Real, já sei, e beijou a mão do principe?

DIOGO.

Demorei-me perto d'uma hora com sua alteza.

PADRE VENTURA.

Diga antes que S. alteza o demorou, fazendo-lhe perguntás sobre o estado do reino e a sorte das armas portugue-

zas em Castella. O sr. Lourenço Telles conhece de perto S. alteza?

COMMENDADOR.

O principe era muito pequeno, quando lhe beijei a mão a ultima vez.

PADRE VENTURA.

E de sua casa, ninguem o conhece?

COMMENDADOR.

Ninguem. Quem já beijou a mão de S. alteza foi Jeronymo Guerreiro.

DIOGO.

Ahi vem o nosso capitão! acho-o triste e abatido. Costuma ser mais alegre,

COMMENDADOR.

Amuos de namorado. Thereza é caprichosa, e Jeronymo entre ovelhas não sabe ser leão.

SCENA VII.

OS MESMOS E JERONIMO.

(*Jeronymo cumprimenta e vai ter com Diogo de Mendonça*).

PADRE VENTURA.

(*Comsigo*) Sempre o reciei. O mundo é assim. Uma creança, um grão d'areia, um sopro derrubam o gigante, quebram a machina, ou desarreigam a arvore! Este homem, que na flor da idade olhava para a morte, como os heroes antigos, deixa agora que o pé delicado d'uma mulher lhe pize sem dó o coração, e o sugeite,

DIOGO.

Temos grande novidade sr. Lourenço Telles! Telemaco quer fugir da ilha de Calypso! Não advinha o que me pedia agora o sr, Jeronymo Guerreiro?! Deseja ser mandado reunir ao exercito do marquez das Minas por que está por dias rompendo-se uma batalha. O que diz Mentor a isto?

COMMENDADOR.

Mentor queixa-se da ingratidão do seu pupillo, por desejar separar-se d'elle, quando o deixa com os pés na cova.

DIOGO.

E mais não se tocou ainda na magoa de Ariadna, por Theseu ausente!

JERONYMO.

Ariadna ha-de consolar-se!

PADRE VENTURA.

(*A' parte*) Não tem animo. Eu lh'o darei. Uma desgraçada paixão não m'o hade consumir obscuramsnte; sou como seu segundo pae, porque o levei nos braços ao altar, aonde se consagrou ao instituto. Contei com elle. A companhia precisa de homens da sua grandeza. Não quero que vá procurar uma balla de proposito! (*Diogo de Mendonça affasta-se pelo braço do abbade, e fica ao fundo conversando com elle, mostrando-se constrangido. Jeronymo sempre triste, aproxima-se mais da bocca da scena, em quanto o Commendador sahe da salla em ar de quem busca uma pessoa ausente. Fr. João ao fundo observa o jesuita, depois vae direito ao grupo de Diogo de Mendonça e do abbade*).

(*Chegando-se a Jeronymo*) Não se lhe figura que nos encontramos já? Longe d'aqui, em outros logares desertos, em dias de perigo e de sacrificio?

JERONIMO.

Julgo que V. Paternidade se não engana. Estou-o conhecendo, mas não sei dizer de onde. Creio que alguma vez fallámos; estou certo de que a sua voz me não é estranha.

PADRE VENTURA.

Ora veja! Eu já achei, e passaram por mim mais annos. Talvez que o ultimo dia, em que nos encontramos, fosse o dia em que nos despedissemos para sempre. Acredite em milagres, porque sem elles não estava aqui nenhum de nós, e não fuja de um resuscitado porque o vem achar com muitos cabellos brancos, e bastantes trabalhos de mais. Ainda não se recorda?

JERONYMO.

Eu já vi a V. Paternidade. Já estivemos ambos...

PADRE VENTURA.

Com a morte diante dos olhos e Jesus na bocca, diga!

JERONYMO.

E por signal..

PADRE VENTURA.

Dei-lhe um annel e disse-lhe tres palavras.

JERONYMO.

É verdade! Foi. . .

PADRE VENTURA.

Na America! Ora o annel conserva-o ainda, daqui vejo. As tres palavras e o seu voto é que não sei. Esqueceram-lhe? Era natural.

JERONYMO.

Espere! Eram?

PADRE VENTURA.

Muito padece quem sabe o que ellas valem... Então, não se lembra ainda do meu nome?

JERONYMO.

Ah! o dia de S. Bartholomeu! V. Paternidade é...

PADRE VENTURA.

Não diga!... Esse nome, e o homem que o tinha, morreram na America, em Roma, aonde quer que ficou o missionario que nós conhecemos ambos. Hoje, vê aqui apenas o padre Julio Ventura, que veiu beijar a mão a el-rei, e dá infinitas graças encontrando vivo e feliz... um companheiro dos seus trabalhos. Esqueça o primeiro nome, e apesar do segundo acredite que o homem não mudou, e é o mesmo sempre.

JERONYMO.

V. Paternidade salvo! Vi-o atado ao brazeiro, ouvi os descantes barbaros dos salvagens...

PADRE VENTURA.

E torna a ver-me sem mais lesão, do que algumas cicatrises, prova de que tambem ha valor em pregar a fé entre os idolatras?

COMMENDADOR.

(*Aproximando-se*) Mas aonde foi meu sobrinho; que é feito delle?

SCENA VIII.

OS MESMOS, E FILIPPE DA GAMA.

FILIPPE.

Eis-me aos seus pés, querido tio da minha alma! Mestre mandar, preto obedecer! Aqui venho a todo o panno. Esperem! E esta? Vou ferrar nos segundos rinzes este demonio (*Puxando a gravata*) Sr. Padre Ventura, agradeço-lhe muito o Santo Antonio que deu á Magdalena. Cada vez está mais piegas com elle. Tenciono um d'estes dias pendural-o pelo pescoço dentro do poço, só com a cabeça de fóra. Quero vêr se o santo manda chuva, ou me deixa seccar o cebolinho.

FR. JOÃO.

Calla-te impio!

COMMENDADOR.

Filippe advirto o de que está com as pessoas que vê...

FILIPPE.

Se eu as vejo, e ellas me vêem, todos nos vemos, tio! É claro como agoa.

COMMENDADOR.

Bem. Então espero que se lembre das minhas recommendações.

FILIPPE.

Fique descançado. Meu amigo (*apontando para o abbade*) não me escapa. Os trocos d'aquellas continhas são para outro dia. Não perde por esperar. (*ao padre Ventura*) Vê

aquelle caracol, para não dizer seresma, que o tio não gosta? Filippe me não chame eu, se elle não tragar gato e lagarto, e não fôr moido com um sacco d'areia até Judas gemer Jesus!

COMMENDADOR.

Filippe!

ABBADE.

Ah! padre mestre, o selvagem cada vez está peior! (*Ventura sorri*).

COMMENDADOR.

(*Ao abbade*) Venha comigo para a Bibliotheca, e não lhe dê ouvidos. Este laponio era capaz de me tirar o appetite. . . (*saindo com o abbade*).

FILIPPE.

(*Ao abbade*) O dito, dito meu abbade!

SCENA IX.

FR. JOÃO, PADRE VENTURA, DIOGO DE MENDONÇA E FILIPPE DA GAMA.

FILIPPE.

Olé, está por cá, o meu militar d'agua doce!?. . .

JERONYMO.

Engana-se. Antes d'esta farda, vesti a da marinha real. Não sei se as ondas da bahia de Biscaia e do golpho per-

sico sam doces; ou se as aguas de Gôa, de Malaca e da America, sam serenas, diga-o quem as navegou. O que sei é que vi fuzillar os raios no Cabo da Boa esperança, e que ouvi rugir o pampeiro nas costas do Brazil. Creio que isto chega para não enfiar no mar.

FILIPPE.

Falla serio? É dos meus?

JERONYMO.

Muito serio.

FILIPPE.

Porque me não dizia isso? Toque. Vamos conversar para o jardim. Estes malditos porões das sallas põe os miolos pela bréca. Gosto do ar livre. Agora é já outra cousa. Dou-lhe licença para ser meu genro (*dá-lhe o braço e saem*).

SCENA X.

PADRE VENTURA, FR. JOÃO E DIOGO DE MENDONÇA.

(*O padre Ventura tem-se ido sentar de lado, folheando um livro, mas sem perder de vista os dois*).

DIOGO.

(*A Fr. João*) Até que a final nos deixaram sós um instante. Que negocio é esse em que disseste que tinhas que fallar comigo quando nos encontrámos á porta de casa?

FR. JOÃO.

(*Solemnemente*) Peço justiça! Requeiro attenção!

DIOGO.

(*Imitando-o com ironia*) Pois falle V. Rev.^{ma}. Sou todo ouvidos.

FR. JOÃO.

A ordem dos pregadores tinha alugado os seus arcos do rocio...

DIOGO.

(*Atalhando-o*) Ah! fr. João, compadece-te de mim. Esses malditos arcos é a centessima vez que m'os cravas na cabeça ás martelladas. Eternos arcos!

FR. JOÃO.

Aquelle sr. padre que não tenho a honra de conhecer, é da companhia de Jesus, e desejará saber tudo desde a origem da *causa litis*?

DIOGO.

Pois falla, homem; ambos te escutamos; mas dos arcos para baixo. Tem caridade fr. João!

FR. JOÃO.

(*Cada vez mais grave*) Sua paternidade pertence á companhia, e pois o acaso o trouxe aqui, deve ser informado...

PADRE VENTURA.

(*Sorrindo-se*) Com todo o gosto; só peço a V. Rev.^{ma} que não se enfade.

FR. JOÃO.

(*Enfunando-se*) Continúo, depois d'esta advertencia es-

sencial. A ordem dos pregadores foi mettida debaixo dos pés, condemnada em provisão do desembargo do paço, e isto hoje é a pedra de escandalo da cidade. . . Só admiro a tranquillidade de S. Paternidade!

PADRE VENTURA.

Como é coisa obscura e panica prestei-lhe pouca attenção; não estranhe V. Rev.ma. Ainda dura o processo? Não suppunha!

FR. JOÃO.

(*Fazendo-se fulo*) Se dura o processo!? O meu nome é fr. João dos Remedios, e graças a Deus, ainda posso com esta demanda, mesmo tendo a balança da justiça em um dos pratos a Judas e á sua. . . escolta de phariseus. Se V. Paternidade me conhecesse! . . .

PADRE VENTURA.

De nome tenho essa honra ha muito tempo; e louvo agora a Deus por me dar o gosto de conhecer de perto a V. Rev.ma

FR. JOÃO.

Muito obrigado! Mas vamos á rasão final. A demanda sahio contra nós. O desembargo do paço condemnou a igreja, e deu a palma aos vendilhões do templo. Impiedade e subrepção! Heresia! O que resta? As leis concedem um meio ao aggravado. É a queixa immediata ao principe, arbitro supremo, pae e tutor dos seus vassallos. Accuso, portanto, no meu recurso a companhia de Jesus por ter induzido a ma fé dos aggravados, e ennegrecido as virtudes dos aggravantes. Provo-lhe que entregue á cubiça e á soberba, por vias criminosas, attenta contra a magestade d'elrei, e na sua terribilidade põe em perigo a santa religião machina a queda ao tribunal do Santo officio, e vende a patria

aos judeus e aos francezes. O que diz a isto, V. Paternidade?

PADRE VENTURA.

. O que disse um dos nossos padres vendo o risco de um convento muito rico para uma ordem muito pobre... Bella obra se não fosse de papel!

FR. JOÃO.

Socegue V. Paternidade. A obra não é tão leve como julga! É um recurso que hade dar brado segundo espero. O sr. secretario das mercês deve pol-o desde logo, de officio, aos pés de elrei... e por isso V. Paternidade será o primeiro que leve a noticia para S. Roque.

PADRE VENTURA.

Se fôr do gosto de V. Rev.ma!...

FR. JOÃO.

Não violento vontades! Levo a generosidade ao ponto de previnir a V. Paternidade, de que vai ouvir amargas verdades, e de que talvez fosse melhor...

PADRE VENTURA.

Lêr eu mesmo o papel de V. Rev.ma. E' mais seguro para a memoria; entretanto, rogo-lhe que permitta, que eu lhe apresente o outro (*tirando um papel*). É uma copia que me parece muito fiel.

DIOGO.

(*Estupefacto e sobresaltado*) Do meu recurso!... Tem uma copia do meu recurso?

PADRE VENTURA.

Desde houtem pela manhã. Veja! (*Fr. João corre-a pelos olhos, e cahe sobre uma cadeira deixando escapar o outro papel das mãos e rebentando-lhe as lagrimas*).

DIOGO.

(*Alterado*) V. Paternidade matou-me o frade!

PADRE VENTURA.

Eu! Ignoro como! Errou, emendei-o. Que menos podia fazer?

FR. JOÃO.

(*Erguendo-se pouco a pouco*) Ha tempo que eu desconfiava d'isto! A mão occulta que regia a companhia de Jesus era a sua, Ganhou V. Paternidade! O modo é que não sei se foi. . . nobre e licito.

DIOGO.

Bem! Bem! E agora quanto aos maldictos arcos?. . .

PADRE VENTURA.

(*Acudindo placido*) E' negocío concluido. O hospital levanta a renda, obrigo-me eu. Os adelos estão quatro palmos fóra do alinhamento, e o senado obriga-os a recolher; está prompto a fazêl-o. Ora, recolhidos os logares, os homens entram por força para dentro, e ahi estão na propriedade do convento. . .

FR. JOÃO.

E pagam irremissivelmente! Excellente meio!

PADRE VENTURA.

(*Sorrindo*) Então este parece-lhe licito e nobre, meu padre?

DIOGO.

Fr. João estás a tremer de frio; vejo-te pallido, não abuses.

FR. JOÃO.

Sinto-me constipado, estou com dôres de garganta. Desculpe-me com Lourenço Telles. Não posso assistir ao jantar. Adeus. Sr. padre Ventura não julgue de mim por esta infeliz companhia. . .

PADRE VENTURA.

Os bons generaes nem sempre as ganham. . . Mas digo-lhe que venceu mais do que devia esperar.

FR. JOÃO.

Talvez. Mas Deus me livre de victorias semelhantes (*sáe*).

SCENA XI.

PADRE VENTURA, DIOGO DE MENDONÇA.

PADRE VENTURA.

(*Tomando uma cadeira, e sentando-se ao lado de Diogo de Mendonça, que faz o mesmo*) Sabe, Sr. Diogo de Mendonça, que estimo muito mais o nosso padre mestre, depois do encontro aqui? Agora percebo, porque V. S.ª gosta de ir jogar tendo-o da sua parte. É bom parceiro... Deu-nos que fazer. Ora bem; como elle está concluido; faltamos nós. Quer que hoje seja o dia da paz universal?

DIOGO.

Pois V. Paternidade acha-me cara de inimigo? Eu, tão devoto da Companhia, e escravo de Nossa Senhora da Cadeia?

PADRE VENTURA.

Não o accusei. Desejo a paz universal, e se V. S.ª a quer tambem, não ha necessidade de justificação. (*Pausa, os dois observam-se*) O Sr. Diogo de Mendonça é fino politico, e sabe que a concordia sempre fez milagres, Quando Jesus Christo veiu ao mundo os anjos cantaram 'gloria a Deus nas alturas, e aos homens paz na terra!' Bem meditado, no Evangelho não ha mais. É verdade que dizendo isto, disse tudo... Queira desculpar!.. Ia-me esquecendo... Puz-me a ensinar a lei ao mestre!

DIOGO.

Discipulo obscuro de V. Paternidade. Faz-me grande obsequio. Tambem intendo assim a religião.

PADRE VENTURA.

(*Depois de o observar um momento*) Quer que fallemos abrindo o coração, e pondo a mascara em cima da meza¿ Deixemos as finuras aos principiantes, homens da nossa experiencia riem-se d'ellas. Cartas na mão, e jogo liso. Não arriscamos nada.

DIOGO.

A proposta é seria?

PADRE VENTURA.

Positiva!

DIOGO.

Aceito! (*Rindo e apertando a mão a Ventura*) Abaixo as mascaras! (*Faz o gesto de tirar a sua*).

PADRE VENTURA.

(*Sorrindo-se, e em voz mansa*) Sabe V. S.ª que ha mais alguem no caso de Fr. João, ou em peiores circumstancias talvez?

DIOGO.

Eu não sou, por certo!

PADRE VENTURA.

Não diga nada Sr. Diogo de Mendonça. É o meu conselho.

DIOGO.

Pomos outra vez as mascaras?

PADRE VENTURA.

Porque?

DIOGO.

Porque estava menos ás escuras antes de tirar a minha.

PADRE VENTURA.

É por ora... Depois tanta será a luz, que nos cegue.

DIOGO.

Mas isso não embaraça, que sejamos sempre dous embaixadores encarregados de ajustar a *alliança* de duas potencias?... Se percebi, foi a proposta de V. Paternidade.

PADRE VENTURA.

Percebeu excellentemente... como costuma.

DIOGO.

N'esse caso, o stylo manda apresentar os poderes dos negociadores.

PADRE VENTURA.

Estou ás suas ordens.

(*Levantam-se. Diogo de Mendonça tira do bolso um pergaminho com sellos pendentes. O Padre Ventura saca do bolso da roupeta um papel dobrado. Passam os diplomas de mão para mão; tornam a sentar-se*).

É a carta de nomeação para secretario das Mercês datada de 24 de março de 1704. Muito bem, acha a minha igualmente em regra?

DIOGO.

Certamente. É o sello e a divisa do geral da companhia, authenticando a eleição do Padre Julio Ventura, na qualidade de visitador assistente nas provincias de Hespanha e Portugal... Diga-me V. Paternidade: não haverá ommissão em nenhum dos poderes?

PADRE VENTURA.

Hoje não; mas ámanhã, Deus sabe. Póde parecer de mais em um delles, e haver de menos no outro. O Sr. D. Pedro II...

DIOGO.

(*Sobresaltado*) Está melhor!

PADRE VENTURA.

Passou hontem mal, e hoje está peior; receio que nos dê grande desgosto por estes dias. E fallecendo el-rei, a observação de V. S.ª póde sahir certa, achando-se de mais

talvez o seu nome n'essa carta. São muito sujeitos a quedas os logares altos.

DIOGO.

Então a proposta final de V. Paternidade é?...

PADRE VENTURA.

Eu digo. Se nos entendermos. é fazel-o secretario de Estadr do novo rei, o sr. D. João V... Querendo ficar neuro propor-lhe uma enviatura para Londres, ou para Roma... E declarando-nos inimigos, ensinar-lhe o caminho do conde de Castello Melhor, com uma volta pelas pedras de Angoxe, ou por outro qualquer presidio.

DIOGO.

De tudo, a jornada d'Africa é a menos agradavel! (*Rindo*) Mas V. Paternidade esqueceu um ponto essencial.

PADRE VENTURA.

Diga!

DIOGO.

A difficuldade, não digo de proposito, o impossivel, de elevar o mesmo homem a ministro de Estado, ou de o desterrar para um presidio. O degredo suppõe crime de lesa-magestade...

PADRE VENTURA.

Exactamente. E o crime existe; e as provas tambem.

DIOGO.

(*Sobresaltado, erguendo-se com impeto e ameaça*) Sabe que disse uma cousa, que póde matar a um de nós? E se eu exigir que me convença?

PADRE VENTURA.

(*Sereno e sentado*) Faço-lhe a vontade.

DIOGO.

(*Com assombro*) Faz-me a vontade?! (*Aceno affirmativo de Ventura*) Um crime de lesa magestade, pena de morte, ou degredo perpetuo? (*Pausa. Grande ironia*) Se assim é nada de falsas generosidades. Pode dictar a lei.

PADRE VENTURA.

Deixe-me dar metade do partido. Não tenha dó. Se não lhe dissesse nada, duas horas depois da morte d'Elrei, hia V. S.ª pelos alçapões da torre abaixo! Não estamos creanças Sr. Diogo de Mendonça, e os homens como nós sempre são mais velhos, do que a sua idade. O que digo, provo-o. Quando affirmo cousas d'este perigo (chamo-lhe o que é) sei com toda a certeza, que não heide ser desmentido.

DIOGO.

Mas porque não diz V. Paternidade tudo?

PADRE VENTURA.

V. S.ª manda! Lembra-se de ter recebido confidencialmente de Elrei um maço lacrado, com ordem de o não abrir, e de o entregar fechado, depois da morte de S. Magestade, nas proprias mãos do Principe Real o Sr. D. João?

DIOGO.

Perfeitamente. Por signal me foi entregue quinta feira á noute 13 de Abril de 1705 estando presente o padre Sebastião de Magalhães, confessor de Elrei... que de certo (*com intenção*) nada revelaria a V. Paternidade.

PADRE VENTURA.

Pois bem. N'esse maço estão as cartas autographas, em que a defunta rainha D. Maria Francisca, e sua irmã a duqueza de Saboia escreveram grandes confidencias de Esta-

do... e encerraram por signal o segredo mais triste do governo de Sua Magestade... (*Gesto de pasmo de Diogo de Mendonça*) Continúo. Ha tambem no maço tres copias das cartas do prior Jacomo Spinelli á princeza sua ama, e como elle era propenso á satyra lê-se mais de uma historia desagradavel nos seus papeis. .. sobre tudo o espirito de El-rei Nosso Senhor...

Diogo.

(*com terror e espanto*) Mas é um prodigio! O negocio mais secreto!... O casamento da infanta na casa de Saboya!

Padre Ventura.

E acrescente, o caso mais desairoso para o governo de elrei D. Pedro, porque o duque de Cadaval chegou a ir a Nizza para trazer o noivo, e voltou sem elle. A victima de tudo foi a princeza, que tomou a peito a recusa, e morreu apaixonada.

Diogo.

(*allucinado*) Não ha duvida! V. Paternidade leu as cartas. Mas como, Santo Deus!

Padre Ventura.

Como li os papeis de Fr. João dos Remedios (*levanta-se*)

Diogo.

As minhas gavetas são mais seguras.

Padre Ventura.

E se eu lhe disser que não?

Diogo.

Duvidarei. Para pôr as mãos nos papeis era preciso des-

cubrir a chave, que os fecha, e advinhar o segredo, que ella abre; e no mundo só um homem o conhece, e é Diogo de Mendonça Corte Real, humilde servo de V. Paternidade. Estou inteiramente socegado. Posso jurar que tenho o deposito intacto.

PADRE VENTURA.

Jura falso! O deposito não está intacto, porque delle só a capa, com um sello falso, pára nas suas mãos!

DIOGO.

Senhor Padre Ventura isto é uma scena de Moliere, uma comedia?

PADRE VENTURA.

Não zombe de Moliere. Apesar de nosso inimigo é um grande poeta. Lembre-se V. S.ª de que algumas das suas peças são mais verdadeiras, do que muitos livros serios. Se elle fosse vivo, e estivesse aqui compunha de certo uma obra nova, e intitulava-a — o *Infiel Depositario*!

DIOGO.

Repito a V. Paternidade que heide restituir os papeis, oomo os recebi.

PADRE VENTURA.

E eu repito-lhe, que não, porque os perdeu. Quer que lhe diga, onde está a chave do seu coffre? É na estante segunda do seu escriptorio, na columna da parede: o botão escondido pelas obras de Santo Agostinho serve de mola para abrir o pedestal .. O coffre, é tambem uma bonita peça! Por signal que se lhe tirar as duas carrancas douradas e os pregos que prendem o jogo da fechadura, a chave dá tres voltas para a direita, e a tampa salta. Segredo inventado em Goa! Vi outro contador assim. A differença era ser a volta para a esquerda.

DIOGO.

(*Com desesperação e ancia*) Não é possivel. Foi um sonho! Os papeis... trago-os comigo hoje por signal, e estão como elrei m'os entregou!...

PADRE VENTURA.

(*Sereno e frio*) Pois abra, e veja!

DIOGO.

(*Rompendo o sello, e achando dentro um maço em branco*) Ah!

PADRE VENTURA.

Bem vê! O crime existe... (*pausa*)

DIOGO.

(*Erguendo lentamente a cabeça, triste e resignado, mas com grande dignidade*). Este segredo revelado pode custar-me a cabeça. Entendo claramente. Só acrescentarei uma coisa. Erraram contando com o medo do criminoso. Persuadiram-se mal, se cuidaram que Diogo de Mendonça se lhes lançava aos pés com temor da morte, ou se vendia para não cair em maior desgraça...

PADRE VENTURA.

Note V. S.ª, que por exemplo o maço pode ir ter as mãos de elrei de França, ou ás de seu neto, o pretendente de Hespanha, e que...

DIOGO.

Estava-me occorrendo. Apenas achei de menos os papeis logo previ. Avalio o uso, que a companhia sabe fazer das armas, que possue, mas tenho valor para encarar, a ver-

dade... Dão-me a escolher entre a desgraça, e a infamia? Bem! A minha resposta é simples. Estou resolvido a ir para a torre, ou para o degredo de Affrica. Prefiro a ruina á deshonra. Quando fôr tempo, mande V. Paternidade o roteiro do conde de Castello Melhor. Não hei de fugir.

PADRE VENTURA.

Esperava já essa grandesa d'alma, sr. Diogo de Mendonça. Fiz-lhe justiça mesmo antes de o ouvir. Mas sabe se a companhia lhe pede cousa, que fique mal?

DIOGO.

Nem pergunto! Cartas na mesa, disse V. Paternidade. Entrego o jogo — que mais quer? A minha unica vingança é ter dó dos meios, que empregaram. Não me queixo, entenda. Incommodava-os, desviam-me; era de esperar.

PADRE VENTURA.

Seja mais justo. Os traidores são instrumentos, e não amigos. Sr. Diogo de Mendonça, o espelho que tem defronte da sua estante, foi quem o denunciou. Alguem espreitou, e descubriu tudo. Agora diga: não ha ninguem, que tenha um contador semelhante ao seu?

DIOGO.

Não conheço.

PADRE VENTURA.

Examine, que hade achar. Não lhe occorre, que o ladrão de casa é o peior? Roque Monteiro não terá interesse em se desfazer de um emulo capaz de o offuscar?

DIOGO.

(*Alterado, e perplexo*) Roque Monteiro!... Está certo?

Estou perdido!... Mas quem lhe disse a elle que eu tinha os papeis?

PADRE VENTURA.

Elrei, provavelmente.

DIOGO.

Agora me recordo. Faz tres semanas abri o segredo, como hoje. Por inadvertencia ficou meia aberta a porta....

PADRE VENTURA.

E alguem, que estava ali de proposito... viu tudo. (*nova pausa.*)

DIOGO.

(*Triste e pegando na mão ao Padre*) Sr. Padre Ventura, de duas potencias, que eramos no principio, ha só uma aqui, é V. Paternidade. Bem vê quão fragil a outra era — uma palavra bastou para a deitar por terra. Com que posso concorrer, se amanhã, se hoje mesmo, posso jazer em uma torre?

PADRE VENTURA.

Com a pessoa, com o saber, e com o coração sobre tudo! Assim com a alma nas mãos, não lhe parece, sr. Diogo de Mendonça, que o homem, e a humanidade ganham mais? Desgraçadamente não é possivel sempre. Ha venenos, que matam, se tirarmos a mascara. Cuida que vou pedir-lhe grandes sacrificios? Socegue. Sei o que offereço, e o que dou; mas tambem conheço o que recebo. V. S.ª acceitando, põe-me ainda em divida...

DIOGO.

(*Respirando, e absorto de alegria*) Padre Ventura, se a companhia se lhe assemelha, digo que a tenho calumniado!

PADRE VENTURA.

(*Grave e animado*) Veja o que são os cousas!... Para ella, e para mim ha mais gloria, em a verdade lhe arrancar essa confissão, do que em honrarmos um acto de justiça com o seu nome. Olhe, a sociedade é arvore, e eu o fructo; medite as palavras de Christo, e achará que a obra sempre vale menos, do que o auctor... Perdôe a comparação. Sabe do que preciza a companhia? De mais homens, e de menos terras. Está rica; occupa muito logar nos dous mundos; eis o seu mal, e o seu perigo. Convem levantar-lhe os olhos de cima dos rebanhos e da grossura das riquezas, e voltar-lhos piedosos para a pobresa e humildade de Jesus Christo e cuja imitação foi o seu voto... Acredite-me: depois de mais de dous seculos de gloria e de dominio, a companhia cahirá, mas não cahe só! Uma grande reforma ainda a póde salvar, e a nós com ella; e commettida por um ministro sabio, e um prelado forte, sinto, que não ficará obscura, nem esteril na acção do mundo... Quer ajudar-nos a povoar os desertos, e a fazer homens dos selvagens? Dê á companhia força e auctoridade no Brazil e na India, para que Roma não converta a Asia, e a America em feitorias apostolicas, e em troca offereço-lhe mais de tres milhões de homens instruidos e civilisados por nós... Com elles, e comnosco elrei de Portugal não hade achar impossiveis. Por mais alto, que levante o desejo poderá realisal-o. Acaso sabia D. Manoel, que havia de morrer, tendo metade do mundo por seu vassallo ou tributario.

DIOGO.

Quando quer V. Paternidade, que assignemos a paz universal? (*aperta a mão ao Jesuita*).

PADRE VENTURA.

No dia em que o Secretario de Estado se chamar Diogo de Mendonça Corte Real.

DIOGO.

E até lá?

PADRE VENTURA.

Segredo.

DIOGO.

E a companhia?

PADRE VENTURA.

Pede só que a julgue pelas suas obras... sei o que vai dizer. Não lhe dê cuidado Roque Monteiro. Uma bella manhã ella hade achar o tempo lindo, e fazer uma jornada á provincia. Descançe.

DIOGO.

Optimo! Excellente!

PADRE VENTURA.

Quer um conselho? Passe esta tarde pela Côrte Real e beije a mão ao principe D. João. S. Alteza hade estimar.

DIOGO.

Então V. Paternidade julga?...

PADRE VENTURA.

Julgo que dentro de poucos dias ha rei e ministro novo; e n'essa tarde, espero em Deus, assignamos o tractado.

SCENA XI.

OS MESMOS, FILIPPE E O COMMENDADOR.

(Fallam ainda de fóra da porta).

FILIPPE.

Aposto que o tio as vai achar ferradas no somno, como dous potes?

COMMENDADOR.

Calle-se lingua venenosa, e aprenda a tractar com pessoas de respeito. . . (*entrando*) Sr. Diogo de Mendonça, sr. padre Ventura, se os não incommoda, se já acabaram, o jantar espera por nós.

PADRE VENTURA.

Vamos. O que falta por concluirmos. . . de hoje a oito dias na varanda de S. Roque (*sorri-se, e aperta a mão a Diogo de Mendonça*).

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III.

O theatro é dividido quasi ao meio, havendo maior espaço do lado dir eito, que é o jardim da casa de Lourenço Telles. Do lado esquerdo a rua. No muro ha uma portinha que deita para esta. É tarde e vae anoitecendo a pouco e pouco.

SCENA I.

COMMENDADOR E O ABBADE (*NO JARDIM*).

ABBADE.

Sr. Lourenço Telles, seu sobrinho jurou a minha morte, e não descança sem a conseguir. As sevicias e os ultrages repetem-se, e agora começam os venênos. Lembre-se do que succedeu ao seu jantar.

COMMENDADOR.

No fim de tudo, querido abbade, vi só que pagou a pena de Talião. Tem mettido tanto gato por lebre, que tirarlhe uma vez a lebre, e assanhar o gato, não foi senão justiça.

ABBADE.

As suas graças veem fóra de proposito. Não sou tigre

nem lobo; sou um homem grave e de bem. Se faz da sua meza um banquete de selvagens tenha primeiro a bondade de prevenir os hospedes. Nem todos querem voltar á cosinha de Nemrod! Os seus animaes arranham-me, bebem-me o sangue. Seu sobrinho saqueia-me a casa, manda-me bastonar pelo hediondo macaco, socio das suas maldades, e conclue todas as proezas por um attentado sem exemplo. Olhe, ahi vem elle. Peço-lhe que tome o seu logar, e que lhe faça conhecer o seu injustificavel comportamento.

SCENA II.

OS MESMOS E FILIPPE.

COMMENDADOR.

Ande cá Filippe! Aquella sua ultima brutalidade esgotou a minha paciencia. Adverti-o dos seus deveres; cancei-me a ensinar-lhe o respeito, que merecem as pessoas que nos honram, e que V. Mercê não é digno de acompanhar. Palavras perdidas! Está muito velho para se fazer creança; e cada vez acho mais pezadas as suas graças. Isto aqui não é mato, nem sertão...

FILIPPE.

Cheira-me isso a historias do abbade, tio. (*á parte*) Deixa estar que não as perdes!

COMMENDADOR.

Não faz caso de seu tio, mas eu o obrigarei a mudar de costumes e a conter-se. Esta casa não serve de pateo das comedias nem de baloiço d'arlequins. Retiro-me, porque não admitto que me desinquiete mais o espirito. Espero que dê uma satisfação ao sr. Abbade. Tem direito a exigil-a. Deixo-o com elle (*vai a sair*).

ABBADE.

Eu dispenso. . . disculpo. . .

FILIPPE.

Mas eu não! . . . Não ouvio o tio? (*á parte*) Hade sair-te cara a queixa.

COMMENDADOR.

Bem, meu sobrinho. (*áparte*) Hade pulir-se. . . mas devagar, muito devagar. (*sai*)

SCENA III.

O ABBADE E FILIPPE DA GAMA.

FILIPPE.

Agora vamos nós a contas. Juro que se ha de arrepender do máo boccado que me fez passar.

ABBADE.

(*Á parte*) Se eu podesse sahir d'aqui! Mas o selvagem tomou a porta.

FILIPPE.

Ora até que te apanhei carochinho! Vamos ás contas, e pagarei os trócos. Com que então o sr. Abbade, entende que hade intrigar-me com meu tio? . . .

ABBADE.

Por quem é sr. Filippe! . . . Nunca fui intrigante, e. . . nunca me metti com as vidas alheias. . .

FILIPPE.

Mas metteu-se na minha. Que mal lhe fiz? Eu não lhe dei senne nem agarico macho; foi gato por lebre, e rans de molho; coisas muito saudaveis e menos exquisitas do que V. illustrissima. . .

ABBADE.

Sr. Filippe!. . . Eu. . .

FILIPPE.

O sr. é um alicanço enredador!. . . conte que lhe mando dar dous abraços pelo macaco Simão, que lhe hão de lembrar, se não me deixa socegado.

ABBADE.

O socego me tira o sr. Filippe a mim!

FILIPPE.

Quer viver em paz comigo?

ABBADE.

Com todo o gosto.

FILIPPE.

A primeira resinga, que eu tenha com meu tio, e que me palpite que foi obra de V. illustrissima. . . Simão te valha. . . largo-lh'o. . . e verá que da outra vez foi só o panno da amostra. . .

ABBADE.

(*A'parte*) Estou a tremer!. . . Não apparecerá uma alma christã, que me tire das mãos d'este minotauro?. . .

FILIPPE.

Parece-me que está rosnando?. . . (*pegando-lhe n'um*

braço) Tome conta no que lhe digo, senão verá quem é Filippe da Gama. . .

ABBADE.

Conheço-o já bastante. . . (*áparte*) demais.

FILIPPE.

Quem domesticou o bruto de Simão, hade saber dar dous pontos na bocca a V. illustrissima para não ser linguareiro. . . Vem gente! Nem palavra.

SCENA IV.

OS MESMOS, PADRE VENTURA E JERONYMO GUERREIRO.

ABBADE.

(*A'parte*) Se se demoram mais. Parece-me que morria de susto.

PADRE VENTURA.

Então, fizeram-se essas pazes?

FILIPPE.

Estamos os melhores amigos do mundo. Não é verdade, sr. Abbade?

ABBADE.

E'. . . é verdade.

FILIPPE.

Vê?

ABBADE.

Vou ter com o Commendador. Com licença (*esgueirando-se*).

FILIPPE.

(*Que o toma no caminho. Baixo*) Veja lá o que faz!... Logo quero vêr meu tio, de braços abertos...

ABBADE.

Conte comigo... mas dê-me licença (*Sae*).

SCENA V.

JERONYMO, FILIPPE E O PADRE VENTURA.

FILIPPE.

Embirro com estes sugeitinhos que á laia d'osga se intromettem nas vidas alheias; mas apanhou uma lição menos má, e se se fizer tolo hade vêl-a bonita.

PADRE VENTURA.

O sr. Filippe jurou endoidecer o nosso Abbade?...

FILIPPE.

Nada, não sr.. Mas não se me dava. Ah! padre Ventura isto sim senhor, isto é que é uma joia; (*apontando para Jeronymo*) uma perola. Mas hade levar um dote... de arrombar o costado aos invejosos.

JERONYMO.

Sr. Filippe!

FILIPPE.

Gosta de Thereza, hade casar com ella... e se a rapariga lhe fizer biquinho não tem duvida, casa, casa com anginhos nos dêdos. Se preferisse Cecilia era o mesmo. Até

ambas, que desejasse, fazia-me turco, e dava-lh'as. É claro como agua. Salvou-me a vida. Eu cá penso assim.

PADRE VENTURA.

Salvou-lhe a vida?

FILIPPE.

Não sabe a historia? pois eu lh'a conto. Foi em Malaca, no sabbado de S. Bartholomeu. Sahi do porto na minha lancha com a manhã de rosas e o mar de leite. Levanta-se de repente o vento, aquelle maldicto ventinho que Jeronymo sabe, que é um cavallo á desfilada. Amaina-se a vella, vamos a remos; qual! pah, pah! Era cada pancada no costado, que gemia a lancha. Para encurtarmos razões, uma onda, como uma montanha desaba, apanha a casca de noz atravessada, e vira-m'a de tampos para o ar. Não sei como, achei-me a cavallo no mastro e agarrei-me. Digo-lhe que nunca bebi tanta agua salgada em minha vida. Puph! O porto estava a vinte braças, e aquella amaldiçoada canalha da gente baça não se mechia, e eu por um triz quasi a afogar-me! De repente um escalersinho sáe pela pôpa da nau, e boleo d'aqui, boleo d'acolá, prôa abaixo, prôa acima, vejo-o vencer-me a corrente, cortar o tufão, e chegar-se ao pé de mim, gritando: Chegue-se um pouco, o melhor da festa ainda não passou! e isto dito com um sangue frio!... Era uma creança sem barba, que vinha ao leme, mas juro-lhe que parecia que passeava por sua casa. A creança era Jeronymo, conheci-o pelas palavras que lá me tinha dito, e que me repetiu: «Capitão, n'estes mares os homens trazem a vida a juros e um descuido custa caro. Beba um copo d'aguardente de cajú?» É um heroe.

JERONYMO.

Não me envergonhe, o que fiz não valeu... nada.

FILIPPE.

Salvou-me. Por isso ainda agora mandei ajoelhar Magdalena e as filhas diante d'elle, dizendo-lhe: Aqui está quem salvou seu pai. Se as visse padre Ventura como ellas choravam, pareciam tres Magdalenas. E o caso era para isso. . . Tambem eu agora mesmo. . . Adeus! Não sou para estas cousas. Vou-me embora. Se ficasse, não sei se. . . Jeronymo conte comigo. . . para a vida e para a morte (*sae commovido*).

SCENA VI.

PADRE VENTURA E JERONYMO.

PADRE VENTURA.

(*Pegando na mão do mancebo*) Irmão Jeronymo, faltou á Companhia escondendo os seus pensamentos. Eu sei o que padece, e adivinho o que me occulta. Um homem, Jeronymo, e um homem com o seu coração, não tem remorsos da fraqueza de meditar o suicidio, e de o pedir a Deus?

JERONYMO.

Ah! padre Ventura, se soubesse o que sinto, se conhecesse a dôr que me trespassa! Cuida que posso existir assim e levantar a cabeça, tendo sobre ella este pezo de desenganos e de maguas? Se de repente a luz da sua alma se apagasse, e a alegria da sua vida lhe fugisse, o que fazia em meu logar?

PADRE VENTURA.

Pedia a Deus constancia, e no calvario do martyrio arvorava a esperança duravel, a esperança divina.

JERONYMO.

A sua alma é forte. Mas eu é que não tenho animo. Jul-

gava que o coração d'ella se unia ao meu nos trabalhos e nas esperanças. Nunca senti os braços carinhosos, e tão suaves para os outros. O meu berço foi um berço d'orphão, e amei Thereza, amei-a, com o extremo de filho, de irmão e de amante; hoje que me desenganei, morro porque estou só.

PADRE VENTURA.

O homem nunca está só. E a mim quem me acompanha, quem me esforça, e me ha de cerrar os olhos com ternura e amizade? Julga que não sei os tormentos da saudade, e que não ouvi dentro do peito os mesmos gritos da paixão, tambem louca, tambem cheia de magoa? Porque me vê amortalhado cuida que não vivi, que fui sempre velho de espirito e de coração? Sonhei do mesmo modo; e ao acordar, procurando a alma, encontrei-a banhada em pranto ao pé de um tumulo. Era pouco?

JERONYMO.

Mas v. paternidade não é um homem como os outros. Como quer que esqueça, se o meu coração não sabe e não diz outro nome? Se a alma não está comigo, mas com ella?

PADRE VENTURA.

E porque não manda ao coração que se cale e á alma que veja outra cousa? Se fossem seus, obedeciam-lhe.

JERONYMO.

Ha tantos annos, padre Ventura, que a vida não é minha...

PADRE VENTURA.

Então se o não amarem?

JERONYMO.

Não posso viver.

PADRE VENTURA.

Hão de amal-o.

JERONYMO.

Não, meu padre. O desengano veiu da bocca d'ella. O seu amor... passou.

PADRE VENTURA.

Já me viu prometter de leve, irmão Jeronymo? Entre perdel-o por uma paixão obscura, e salval-o, satisfazendo-lhe o erro, porque é só erro, prefiro que viva. Conheço que do homem, que era a minha esperança, e em que punha a gloria futura da Companhia, só ficará o espirito comnosco, porque por mais que faça não póde tornal-o pequeno... Assim mesmo com o coração captivo e a alma longe de nós, espero que se a Companhia o chamar...

JERONYMO.

Ainda que Thereza me pedisse de joelhos...

PADRE VENTURA.

Não diga palavras temerarias. Se ella mandasse, ficava! O escravo não póde dizer: «eu farei.» A vontade é do senhor.

JERONYMO.

Padre visitador, eu não mereço...

PADRE VENTURA.

Merece! Hoje quer morrer porque não tem animo para supportar a dôr; ámanhã o que fará para não perder a felicidade? O valôr que honra o coração e o espirito é a serenidade no infortunio, e a constancia na occasião adversa. Ora aqui a occasião chegou, e o homem fugiu; diga-me se uma creança faria menos?

JERONYMO.

Padre Ventura, é preciso todo o meu respeito...

PADRE VENTURA.

Julga então já que é covardia matar-se, ou expôr-se voluntariamente á morte, que vale o mesmo, porque achou rigor em uns olhos, aonde esperava vêr sorrisos? Seja homem. O amor é um bello sentimento, mas nasceu para nos dar a vida e não para nos causar a morte! Medite, fortifique-se, e tome posse do seu coração e da sua alma. Costume-se a tomar conselho com a razão e a moderar-lhe os impetos. Tenho que escrever para Castella. Quando parte, irmão Jeronymo?

JERONYMO.

(*Inclinando-se e cruzando os braços*) Quando v. paternidade disser?

PADRE VENTURA.

Muito bem. Vamos melhorando, pelo que observo. Então fica em quanto eu não quizer o contrario?

JERONYMO.

Depois da promessa de v. paternidade o logar, aonde espero, é-me indifferente.

PADRE VENTURA.

Dê-me um abraço e confie em Deus. Ámanhã fallaremos devagar.

(*Jeronymo sáe pela porta do jardim. É quasi noute.*)

SCENA VII.

Padre Ventura, depois Thomé das Chagas.

Padre Ventura.

Suppuz que era outra cousa. Podia ser peior. (*N'este momento Thomé das Chagas sáe sorrateiramente de casa e dirige-se para a porta da saída, mas dá de frente com o padre Ventura, que se voltou e se dirigia para o mesmo lado.*) O irmão Thomé por aqui a estas horas?...

Thomé.

O padre visitador!

Padre Ventura.

Cosendo-se com as arvores para que o não vejam. O que o trouxe por cá, irmão Thomé...

Thomé.

A mim... foi... ah! uns cirios que vim trazer á santinha da sr.ª Magdalena da Gama...

Padre Ventura.

Irmão Thomé, não desculpe causas ruins e profanas com as divinas... O que o conduziu aqui, sei...

Thomé.

(*Tremendo*) V. paternidade sabe? Pois crê!... (*á parte*) Este jesuita sabe tudo...

Padre Ventura.

Creio!... tenho a certeza. Traz recados da tia Monica.

A Companhia de Jesus nada ignora. Cuidei que v. mercê se não esquecia tanto.

THOMÉ.

Bem vejo, padre visitador... (*á parte*) por meus peccados.

PADRE VENTURA.

Essa carta é d'ella? (*falla-lhe ao ouvido*)

THOMÉ.

Desconfio...

PADRE VENTURA.

Falle verdade, irmão Thomé.

THOMÉ.

É d'ella!

PADRE VENTURA.

Uma resposta. Bem. Póde saír. Olhe...

THOMÉ.

(*Humilissimo*) Que manda, v. paternidade?

PADRE VENTURA.

Tem resado por alma d'Onofre Crespo...

THOMÉ.

(*Beato e contricto*) A todas as missas, padre visitador...

PADRE VENTURA.

Pois continue!... Tenha muito medo dos resuscitados.

THOMÉ.

(*Saindo*) Maldicto padre! Está-me queimando a fogo lento.

SCENA VIII.

PADRE VENTURA.

Uma carta?... É d'elle por força, e vem para Cecilia. Alguma entrevista de ambos á noute. Vigiaremos.

(*É noute completa.*)

(*Ao saír o padre Ventura cruza-se com a ronda, logo que o padre Ventura desapparece, desponta na esquina da rua um vulto de capa escura embuçado ás canhas; avança para a scena e chegando ao pé da lampada que arde em frente do retabulo abre um papel que amarrotava em contracções nervosas com a mão convulsa — lê para si, batendo no fim com o punho nos copos da espada. N'este momento outro vulto desemboca, e roçando-lhe quasi pelo hombro, vai encostar-se á esquina opposta, d'onde parece vigial-o. Em quanto dura esta scena muda do lado de fóra, Cecilia apparece no jardim.*

SCENA IX.

CECILIA.

É quasi a hora. Tremo de amor e de susto. Oh! aquellas palavras de minha irmã alvoroçaram-me! Porque receiará tanto este affecto? Que segredo será aquelle, que me esconde, e que torna tão tristes os seus presentimentos? Mas que importa? A minha vida é de João... Dei-lh'a! Abri-lhe o coração que me encheu de luz e de amor. Feliz ou desgraçada, é a minha vida, e não quero outra. (*Senta-se n'um banco e fica pensativa*)

SCENA X.

Os dois vultos que se fitaram mutuamente apalpando ao mesmo tempo os punhos dos espadins, medem-se reciprocamente.

CAMÕES.

Deus seja comnosco! cavalheiro, que linda noite para

um passeio; é pena estar clara. Não acha a rua estreita para dois? Isto de espadas é quizilento; em se encontrando pela ponta, não ha remedio depois senão soltal-as pelo punho.

JERONYMO.

Se a rua é estreita e a noite clara, tem o remedio na mão. Procure um largo e embuce-se mais.

CAMÕES.

Santa Catharina de Monte Sinay! Não me entendeu, ou fallei grego? Em duas palavras lhe explico. Se não tivesse prizão aqui fazia grande favor a um devoto deixando-lhe a rua livre por uma hora. Sabe o que são lances.

JERONYMO.

E se tivesse prizão, ou guardasse o passo justamente por uma hora ou duas?

CAMÕES.

Bom catholico, como me prezo de ser, e temente á Deus, perguntava-lhe se a sua oração era á imagem do painel, ou á santa incoberta, que está por cima?

JERONYMO.

Sou tão devoto e tão discreto, que não soffro que indaguem qual é a santa da minha devoção. Boas noites, cavalheiro (*e desapparece pela esquina*).

SCENA XI.

CAMÕES.

Convinha afastal-o! Agora observemos. (*N'este momento D. João embuçado n'uma capa apparece, e vendo Camões di-*

rige-se a elle) Hum! Moiros na costa! Aonde irá o chaveco? Já vejo: a ronda tem esta noite que fazer. *Con su pan se las coma.*

D. JOÃO.

Salve-o Deus, cavalheiro. Faz alguma cousa ahi parado?

CAMÕES.

Guarde-o Deus, cavalheiro. Vai salvar alguem da morte n'essa corrida?

D. JOÃO.

Siga seu caminho, e não se importe com os outros.

CAMÕES.

Ah! ah! Falla-se por aqui muito alto?

D. JOÃO.

Que mais?

CAMÕES.

Vamos a ellas. (*arrancando da espada e enrolando a capa*).

D. JOÃO.

A minha prompta estava; mas ha uma difficuldade...

CAMÕES.

Qual?

D. JOÃO.

Vai longe?

CAMÕES.

Longe! porque?

D. JOÃO.

Porque d'aqui a dez minutos estava mais ao seu dispor.

CAMÕES.

Verdade fallando tambem eu d'aqui a meia hora...

D JOÃO.

Bello! Então primeiro a obrigação, depois a devoção. O que diz?

CAMÕES.

Que preciso que não vejam para onde vou.

D. JOÃO.

Nem eu aonde fico. Mas temos o caso arranjado. Voltamo-nos ambos para a parede, e rezamos tres credos. No fim d'elles...

CAMÕES.

Estou pelo ajuste. Mas á meia noite...

D. JOÃO.

Vamos a ellas!

CAMÕES.

Palavra de homem honrado.

D. JOÃO.

Palavra de rei se é mais sagrada.

(*Voltam-se costas com costas, Camões vai para ao pé da imagem. D. João entra no jardim; n'este momento Jeronymo apparece.*)

JERONYMO.

Hum! hum!

CAMÕES.

Ouviu tudo?

JERONYMO.

Tudo.

CAMÕES.

E o que tenciona fazer?

JERONYMO.

Passar-lhe as duas estocadas promettidas.

CAMÕES.

Quer um conselho? Não pegue em brazas que se queima...

JERONYMO.

Isso é comigo.

CAMÕES.

Olhe, pelo habito, nem sempre se conhece o monge. Este homem é muito mais do que parece. Cuidado!

JERONYMO.

El-rei que fosse... era o mesmo.

CAMÕES.

Como! pois sendo el-rei?...

JERONYMO.

Bem sabe, de noite não se vê. E um rei a escallar fóra de horas os muros, roubando aos seus vassallos mais do que a vida, roubando-lhes a honra, não era rei, era um ladrão. Sinta o que sentir, não acuda...

CAMÕES.

Se eu aqui ficar sou surdo.

JERONYMO.

Boas noites. (*dirige-se para o fundo e desapparesse*)

CAMÕES.

A comedia vai bonita! Trata-se agora de impedir algum lance de tragedia. Servirá v. mercê de Senhora da Paz, sr. Camões.

(*Em quanto dura esta scena D. João tem entrado, e vai ter com Cecilia. Scena muda um pouco mais ao fundo, em quanto dura o dialogo; depois os dois adiantam-se para a bocca da scena, e continuam o dialogo que fingem ter começado.*)

SCENA XII.

D. JOÃO E CECILIA.

CECILIA.

Promette não esquecer que tive tanta confiança no seu amor, como uma irmã na ternura d'outra irmã? Não me fará lembrar que de noite e sósinha, não tenho senão a sua honra e o seu respeito em minha guarda?

D. JOÃO.

Cecilia! . . Se fosse capaz. . . Entrego-lhe a minha espada em penhor. . .

CECILIA.

Não é preciso. Basta que se não esqueça de que a sua honra fica no meio de nós para me defender. Não peço mais. Não foi a sua voz que ouvi ainda agora? Não disputava com alguem?

D. JOÃO.

Fallava alto. Assustou-se?

CECILIA.

Tremi! E se por minha causa se levantasse um desafio?

E eu ali a dois passos, sem poder acudir, sem ter meios de o salvar? (*Durante esta scena Camões e a ronda apparecem de vez em quando na rua*).

D. João.

Combatendo ao meu lado como as Amazonas?

Cecilia.

Não; pedindo a Deus com o coração e aos homens com as lagrimas.

D. João.

Se soubesse que a amo tanto, que tinha até ciumes d'essas lagrimas, e as faria correr de sangue para as vingar!

Cecilia.

Quer que tenha medo dos seus zelos?

D. João.

Ouve Cecilia. Se um principe estivesse em meu lugar e conhecesses que te amava com a ternura, que me abrasa, pondo a corôa a teus pés, e offerecendo-te a mão para subires com elle ao throno... o que lhe dizias?

Cecilia.

Dizia-lhe: não vos conhecendo, pedi e dei-vos amor; a paga foi trahires-me. O meu affecto entrega-se, mas não se vende. Sendo principe ainda que vos amasse, nunca o dizia. Para me colher o coração foi preciso mentirdes. Sois rei, e os reis estão altos para serem vistos; levantai-vos, senhor! Eu é que devo ajoelhar e pedir perdão de não saber ha mais tempo que sois o soberano e eu a vassalla. A corôa que esperei de vós não era de oiro, era de flores; Deus vos não tome contas, por que m'a pozestes de espinhos.

D. JOÃO.

Mas se elle te amasse como eu?

CECILIA.

Tinha sempre medo que me enganasse como quando jurava falso.

D. JOÃO.

Os anjos não são mais puros! Tens razão, querida, vale mais esse coração do que todas as ambições e grandezas. Perdôa uma loucura. . . que será a ultima. Juras, se me amas, que farás o que eu pedir?. . .

CECILIA.

Juramentos? Se me pedes a alma e o coração, não são teus, não t'os dei já?

D. JOÃO.

Juras, que no dia, em que eu, com esta promessa vier offerecer-te a mão e chamar-te esposa, me seguirás, quem quer que eu seja, para onde quer que vá?

CECILIA.

(*Sentindo as folhas mexerem*) Não sentiste? O vento não foi!

D. JOÃO.

Foi a minha capa, roçando, que te assustou. Juras?

CECILIA.

Mas esse segredo que tu escondes?

D. JOÃO.

Já me déste o direito de o revelar? A quem amas? Se osse a mim seguias o coração.

CECILIA.

Pois bem! Mendigo ou nobre, cavalheiro ou mechanico, a minha vida será sempre a tua. E agora dir-me-has o teu segredo?

D. JOÃO.

Diante de Deus. que nos ouve prottesto revelar-t'o dentro de dois dias. Confias em mim até então?

CECILIA.

Não vês que amo? Mas por que não m'o dizes já?

D. JOÃO.

Porque para o dizer. . .

SCENA XIII.

OS MESMOS E JERONYMO.

JERONYMO.

(*Avançando em frente d'um succeco proximo da porta*) Era precizo inventar mais uma falcidade.

D. JOÃO.

(*Tirando a espada*) Oh! agora. . . agora quem quer que seja!

JERONYMO.

Não me esperavam? Se não fosse um resto de compaixão por. . . ambos, tinha saido; não os interrompia; mas vendo-os enganados um e outro, e sem saberem que se estavam a illudir. . .

D. JOÃO.

Basta. De que servem palavras, quando temos espadas? Em guarda!

JERONYMO.

Tudo tem o seu lugar! Esta senhora sabe?...

CECILIA.

(*Com voz fraca*) Eu, Jeronymo?

JERONYMO.

Que não somos tão estranhos, que me não conhecesse logo, apesar da escuridão da noite; e que eu, não seja capaz de dizer quem ella é, mesmo sem lhe vêr o rosto. Temos passado tantos annos juntos!

D. JOÃO.

(*Batendo o pé*) Estou esperando...

JERONYMO.

Socegue! antes de sair havemos de conhecer-nos tambem. Se percebi, esta senhora, disse-lhe ha pouco, que o amava.

D. JOÃO.

Se ouvio não preciza da resposta. Os espiões...

JERONYMO.

Logo tractaremos d'isso. Vejamos! Ella ama-o, assegura-lh'o?

D. JOÃO.

(*Com orgulho*) Não ouvio?

JERONYMO.

Ouvi! É o silencio agora ainda o conforma. E acredita-a; crê nas suas promessas?

D. JOÃO.

Como em Deus.

JERONYMO.

Tenho pena! Porque são falsas.

CECILIA.

(*Suffocada erguendo as mãos*) Jeronymo!

JERONYMO.

Falsas como as que me fez a mim.

CECILIA.

(*Recuando*) Eu!

JERONYMO.

E com a mesma voz, e a mesma commoção!... Apesar d'isto ainda a acredita?

D. JOÃO.

Agora mais do que nunca.

JERONYMO.

Faz mal, por que o enganou. Ainda esta manhã disse a outro homem que não tinha amor, e se viesse a têl-o que seria, para o fazer feliz.

CECILIA.

Eu! Nunca!

D. JOÃO.

(*Saltando-lhe as lagrimas*) Oh!

JERONYMO.

Não se envergonhe! eu tambem chorei e mais devia ser forte, devia esperar o que succedeo. Ha umas poucas d'horas que sabia tudo por um escripto seu, que ella deixou perder. Assim mesmo não tendo animo já para o aguardar de longe, quando me aproximei, e ali occulto ouvi aquella voz que Deus fez tão suave como uma tentação; quando lhe jurou... e jurou falso, por que é um coração que nada sente, quando jurou!... eu que a amei, e sou tão fraco que ainda a adoro, escutei-a e não morri. E não acabei como desejava, como pedia a Deus... Chorei! chorei como uma creança, como uma mulher! E veja agora; o meu orgulho não me deixa limpar as lagrimas ..

CECILIA.

Jeronymo. Eu tambem não choro! O desprezo seccou-me as lagrimas. Não sei porque me persegue, nunca lhe fiz mal, mas Deus hade castigal-o. Deshonra sua irmã, infama-a sem motivo.

JERONYMO.

Minha irmã! E' verdade; era o nome que me deu para me trahir, para zombar de um coração...

CECILIA.

Jeronymo, Jeronymo! Essas palavras não pódem ser comigo. Chegue-se. Veja bem... Ha engano.

JERONYMO.

Não... se a visse não podia resistir. (*N'este momento apparece Camões passeando do outro lado e pouco depois a ronda*).

CECILIA.

João, diante de Deus te juro, que Jeronymo se engana, eu nunca o amei, nem elle a mim!

D. JOÃO.

Obrigado meu amor pelas tuas palavras! Precisava ouvil-as para não enlouquecer.

JERONYMO.

Tem razão senhor, agora só as armas. Tenho pressa de encontrar uma espada. . .

D. JOÃO.

(*Desembaraçando-se de Cecilia*) Eil-a. (*cruzam os ferros*).

CECILIA.

Não póde ser; ouçam-me! (*mettendo-se de permeio*) Ah! Feriste-me Jeronymo (*Vacilla e cáe. N'este momento a luá descobre-se um momento e Jeronymo vendo D. João baixa a ponta da espada e dando um grito exclama desesperado*:)

JERONYMO.

Eu devia perceber! Não era amor, era. . . Meu Deus! (*soluçando*) Agora vejo, agora sei. Mentias, trahiste-me por que vendeste o coração e a honra a sua alteza real o principe D. João!

D. JOÃO.

(*Vendo Cecilia lança-se furioso para Jeronymo*) Covarde! Assassino! Vil. (*Jeronymo defendendo-se fere-o n'uma mão, a espada cáe a D. João*).

SCENA XIV.

OS MESMOS E THEREZA.

THEREZA.

(*Que tem accudido*) Oh! minha irmã! (*corre a soccorrel-a*).

CAMÕES.

(*Entra ao mesmo tempo pela porta do jardim*) Da parte de el-rei! (*D. João chega-se a elle, dá-se a conhecer, e indicando-lhe Cecilia*).

D. JOÃO.

Este homem, matou-a e ferio-me, sabendo que era o principe.

CAMÕES.

A sua espada? (*Jeronymo não o ouve absorto que está*) A sua espada. (*Jeronymo dá-lha*) Siga-me. Está preso á ordem d'elrei e de S. alteza real. (*Jeronymo segue-o sem dar accordo de si*).

THEREZA.

(*A D. João*) Respira! Vive! retire-se V. Alteza. Encarrego-me de explicar tudo. Se não lhe podermos dar a vida ao menos procuremos não lhe tirar a fama.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV.

Uma sala no castello de S. Jorge. Porta no fundo e portas que communicam para a direita. Janellas da esquerda. Uma meza de pés torneados, ao centro, com panno escarlate por cima, e armas reaes nas pontas.

SCENA I.

(*Ao levantar do panno, o Camões sáe da direita.*)

CAMÕES.

Succeda o que succeder, não heide deixar morrer o rapaz assim. O seu verdadeiro crime aos olhos de el-rei é pensar que ama a mesma dama que Sua Magestade. Bom! Se eu fôr capaz de restituir Dido a Enéas, dando um quinão em Virgilio, o homem fica salvo, e o sr. D. João V entra no paraiso!... (*examinando um papel que traz na mão*) Por isto que leio escripto pela mão do preso... tenho ideia de que não está menos enganado do que Sua Magestade, e que ambos abraçam a nuvem pela deusa! *A la gracia de Dios!* Se d'esta vez me saio bem prottesto escrever uma comedia em castelhano para emparelhar com o «*Medico da sua Honra*» de Calderon, e pelo titulo não hade perder; ponho-lhe na taboleta «*Los zelos engañados*» Amh? É hespanhol de orelha, diz a critica? Não importa. Estamos em guerra, e

posso saquear a lingua, porque tambem elles nos roubam na fronteira. Vamos ao Paço. Esta diligencia não é para engaiolar é para soltar. (*Dirige-se para o fundo; n'este momento, a porta abre-se, apparece o padre Ventura, e ao seu lado um vulto embuçado*).

CAMÕES.

(*A'parte*) Por esta não esperava eu! O Jesuita antecipou-se. (*curvando-se a D. João V*) Senhor!

SCENA II.

CAMÕES, PADRE VENTURA E D. JOÃO V.

D. JOÃO V.

(*Fazendo-lhe signal de silencio*) O prezo está só?

CAMÕES.

Sim, meu senhor.

D. JOÃO V.

Está bom. Camões espera fóra as minhas ordens.

CAMÕES.

Primeiro, pediria licença para entregar a Vossa Magestade este papel. Agora mesmo ia ao paço para esse fim.

D. JOÃO V.

(*Recebendo-o e fazendo-lhe signal que saia*) Não vás para longe. Heide chamar-te logo.

SCENA III.

PADRE VENTURA E D. JOÃO V.

D. JOÃO V.

(*Passando pelos olhos o papel*) Padre Ventura este papel era para V. Paternidade. Sam as confidencias de Jeronymo Guerreiro; e confirmam o que me disse. Vejo que não ama Cecilia; mas os seus loucos ciumes cegáram-no a ponto de ousar. . .

PADRE VENTURA.

(*Erguendo a fronte*) Quem ousou, não foi elle. Quem se esqueceo do officio que tinha para se lembrar da vingança, fazendo vara de tyrannia do sceptro, não foi Jeronymo, mas foi aquelle que a sua consciencia mesma accuza. A quem disse o monarcha o seu nome e qualidade? Allucinado por um erro desculpavel o mancebo cuidou que perdia em uma hora a esperança e a felicidade; e encontrando nas trévas um estranho aos pés da mulher que suppoz que era a sua, fez o que fariam todos. . . defendeu-se, e defendeu-a!

D. JOÃO V.

Ferindo vilmente a ambos?!

PADRE VENTURA.

Não! Querendo ferir o seductor, que de noite, e com o rosto coberto, se introduzia n'uma casa honrada. Se elrei não entende isto, ou o que é muito peor se não quer escutar senão o seu ressentimento, desgraçado povo e triste rei! N'esse caso dou ao ceu as graças por ser de dias, apenas, a minha estada aqui; escusam os meus olhos de se encherem de lagrimas, e o meu coração de magoa, vendo um reinado, que principia por onde acabaram os mais detestados e crueis.

D. João V.

(*Tremulo e escarlate de raiva*) Quem falla d'esse modo não póde dizer se irá para fóra do reino, ou se ficará sepultado em uma torre!

Padre Ventura.

E' verdade. A' sahida da barra não é que estão só os chavecos mouros. Perdôe Vossa Magestade se cuidei que os argelinos não captivavam em Lisboa!! Levantarei as mãos a Deus, se permittir que dentro mesmo de um estado catholico eu alcance a corôa do martyrio. Aqui, ou em Tunes, desde que se padece pela verdade, tudo é servir a Christo, e confessar a sua fé.

D. João V.

(*Depois de reflexão*) Sabe padre Ventura, que póde havér debaixo d'essa roupeta humilde tanta soberba como na purpura e nos arminhos de um monarcha? Quem nos observasse ha pouco diria que estavamos tratando de potencia a potencia e que V. Paternidade era o mais poderoso!...

Padre Ventura.

E não se enganava senão em uma coisa, Senhor!

D. João V.

Qual?

Padre Ventura.

Em suppôr que eram potencias eguaes! Á que eu represento, pedindo justiça, e advogando a causa dos que choram, tem-se curvado os imperios e os sceptros. A corôa de Vossa Magestade é de oiro, é de metal, e quebra-se; em quanto a de Deus, de quem sou ministro, é de estrellas e de gloria. O soberano está acima dos outros homens, mas Deus a um aceno de sua mão depõe os poderosos; e as suas

vaidades que se levantam como pó, um sopro as abate, como outro sopro as faz erguer.

D. João V.

Então V. Paternidade crê, que estou em peccado, que erro como homem, e que offendo como rei punindo os que infringem a lei? Não se recorda de que um dos mandamentos diz: — não matarás?

Padre Ventura.

De certo; menos em defeza propria; e elrei é muito justo para não conhecer que a honra vale mais do que a vida. Eis o motivo por que eu appello da ira e do ressentimento do principe real para a consciencia de Sua Magestade Elrei o sr. D. João V, cujo sceptro é a primeira vara de justiça dos seus povos!

D. João V.

E appella bem! Diga, no meu lugar, ferido por um vassallo, e desacatado diante de testemunhas, deixava pisar a corôa?

Padre Ventura.

Não, se a corôa estivesse na cabeça de elrei! Mas aonde estava ella no jardim de Lourenço Telles? V. Magestade é a verdade e a justiça vivas; á voz da sua consciencia é que eu pergunto!

D. João V.

A prova de que ella o ouve, é que o principe, subindo ao throno, obteve de elrei que escrevesse logo esta ordem de soltura. Chame o Camões.

(Ventura dirige-se á porta do fundo, abre-a e faz um aceno. O Camões entra logo).

D. João V.

Mande entregar a espada a Jeronymo Guerreiro, e dê-lhe esta ordem.

(O Camões curva-se e sáe).

D. João V.

(*Ao padre Ventura*) Bastava ter cruzado a espada com o seu vassallo para o rei esquecer, sob pena de deixar de ficar sendo cavalheiro... Quiz experimental-o padre Ventura. Sabe que mais? Não torne a excitar assim a cholera dos monarchas, por que o dito vulgar affirma que é o mesmo do que brincar com as garras do leão. Houve um momento em que estivemos muito em perigo ambos... A verdade quando se carrega, fere...

SCENA IV.

OS MESMOS E JERONYMO GUERREIRO (*apparece da direita precedido de Camões, que sáe logo*).

JERONYMO.

(*Sem vêr os dois que se affastam*) A minha espada! uma ordem de soltura! A liberdade?! De que me serve ella agora?... Quem sabe? Concedem-m'a talvez para... oh! não... nunca!... (*volta-se e dá com os olhos em elrei*) El-rei!

D. João V.

(*Avançando*) Jeronymo Guerreiro, as trevas da noite cegam, mas quando a luz do dia illumina a razão, os reis só se lembram dos serviços. O principe real pedio-me que lhe dissesse que estava perdoado.

JERONYMO.

Mas eu lembro-me, e não aceito o perdão. . .

D. JOÃO V.

(*Altivo*) Não aceita!

JERONYMO.

A pobreza honra, mas a villania enegrece. V. Magestade podia julgar indignos de premio os insignificantes serviços de um soldado; mas elrei não ignora que um official embóra tenha um nome obscuro, não o deve trazer arrastado e manchado pelas maledicencias da sua côrte. . . Escuso de acrescentar mais nada. O principe real, se aqui estivesse, havia de perceber-me. A liberdade por tal preço não se aceita; é melhor a prisão perpetua, é melhor até a morte no patibulo.

D. JOÃO V.

Ouve, padre Ventura? . . .

PADRE VENTURA.

(*Baixo*) Elle não sabe a verdade; é a illusão que falla ainda. (*áparte*) E eu que o não desenganei primeiro! (*a Jeronymo*) Escute Jeronymo. . .

JERONYMO.

(*Altivo e soberano*) Fallo a elrei! Senhor. . . Esta espada é minha, e nunca deffendeu senão a corôa de elrei, e os brios d'este reino. Até hoje não se rendeu, nem se infamou. Pura como a gloria das armas portuguezas, não hade agora deshonrar-se por uma vilesa. Não! (*gesto apaixonado e voz commovida*) Não. Aqui acabará comigo! De hoje em diante o soberano e o vassallo ficaram quites. Nunca mais tornarei a servir a casa de Bragança. Se algum nome

ganhei na Asia e em toda a parte aonde se deu uma batalha, não peço nada por isso. O que podia desejar n'esta hora é impossivel, e está acima da sua vontade, porque El-rei... (*lentamente*) é rei, e não responde senão a Deus!... (*beijando a espada com alvoroçada exaltação*) Ao menos, minha boa espada não soffrerás preza na bainha tamanho opprobrio!... Já que não deves vingar-me... não te levantarás d'aqui! (*colloca-a embainhada em cima da meza*) Agora do corpo façam o que quizerem. Sepultem-me n'uma torre, e se, é preciso pedil-o eu, de joelhos o peço. Mais um borrão no escudo da monarchia portugueza é uma vergonha que não quero ver. Ao menos dentro das paredes de um carcere ninguem me verá corar.

(*D. João V pega na espada de Jeronymo, e atira-a aos pés com furia; depois cego de cholera arranca do florete, e dá dous passos para elle. De repente suspende-se, como ferido de uma idéia subita, e entrega a sua espada ao padre Ventura*).

D. JOÃO V.

Receba-a, padre Ventura. E' ministro de Deus, e a Deus a entrego! Nas suas mãos não ha perigo de qué um impeto a levante... e a faça descer para castigar quem não merece... senão dó.

PADRE VENTURA.

(*Recebendo a espada*) É uma nobre acção, meu senhor; e el-rei sabe que lh'o digo, porque o sinto. Esta espada na bainha, e em tal momento, promette a Portugal um grande reinado.

D. JOÃO V.

Padre! É a segunda vez, hoje, que o rei venceu o homem. Seria tentar a Deus o expor-me a mais! (*sáe arrebatado.*)

SCENA V.

PADRE VENTURA E JERONYMO.

(*Jeronymo quando el-rei sáe cáe n'uma cadeira como um homem perfeitamente fóra de si. Ventura aproxima-se d'elle, crava a espada de D. João V no chão, e apontando-lhe para ella, diz-lhe:*)

PADRE VENTURA.

De joelhos, Jeronymo Guerreiro!... É talvez a primeira vez, em que a espada — afiada para ferir — se converte em cruz de remissão e misericordia. Arrependa-se, ponha os olhos n'esse ferro, que para não se manchar quebrou as iras nas minhas mãos, e veja como foi pequeno, e os outros grandes!

JERONYMO.

Padre! Será necessario que leve até ás fezes este calix?... Poupe-me o sacrilegio!

PADRE VENTURA.

(*Que o observou, e lhe lê na fisionomia o desespero da alma*) Jeronymo, quando o vi no sertão no meio dos indios, creança nos annos, homem pelo espirito, louvando a Deus em presença do martyrio, e abençoando a morte sem medo á dôr, enganei-me, e todos se enganariam comigo. Cuidei que da creança sairía um apostolo, ou um heroe. Quando o vi entregue ao amor, abrindo com a espada o caminho da fortuna, e em cada campanha dizendo como Cesar: Eis a minha herança! acreditei que havia perigos na paixão, mas que o mancebo sabia vencel-os como homem. Mas logo que vi o soldado sem animo para supportar o infortunio, e sem valor para resistir ao delirio, ferin-

do uma mulher, e enchendo de vergonha a casa em que foi creado!...

JERONYMO.

Padre Ventura! Daria os poucos dias, as poucas horas que me restam, para que outro homem repetisse o mesmo! Agradeça a Deus! O habito é que o salva!

PADRE VENTURA.

(*Cruzando os braços e sorrindo com ironia*) Não se prenda! Depois de uma menina innocente, que o amou, chegue tambem a sua vez ao sacerdote velho, que o vinha consolar. O valor no crime tambem é valor... Não lhe importe, será mais uma covardia. Acabe a obra! Uma gota de sangue mais pouco se vê!

JERONYMO.

(*Cedendo á sensação, arquejante e desfallecido cáe de joelhos e as lagrimas rebentam-lhe pelos olhos*) Padre! padre! Tenha compaixão.

PADRE VENTURA.

(*Commovido, curvando-se para o mancebo com a bondade e a affeição no semblante*) O doente vai melhor! (*levantando-o e obrigando-o a sentar*) Mas ía matando o medico! Ora socegue; abra os olhos que tem tido fechados, e arrependa-se. Veja o que fez. Tratou-me como inimigo; esqueceu-se do que eu era, e do que sou.

JERONYMO.

Padre Ventura, não fui eu, foi a paixão...

PADRE VENTURA.

Foi a paixão, sim; e d'isso me queixo. Mas com um

homem, que tivesse valor, ella seria a escrava, e o irmão Jeronymo o senhor.

JERONYMO.

Padre, se experimentasse por si conhecia a ancia que é perder a alma.

PADRE VENTURA.

Sei de um que perdeu mais... e se não se consolou, mostrou animo, e conformou-se. Quer que diga como? Offerecendo-se a Deus; pedindo-lhe graça e resignação; e fazendo penitencia n'este habito por ter amado a creatura com o extremo, que devia ao Creador.

JERONYMO.

Esse era santo, e eu...

PADRE VENTURA.

Era muito peccador, diante dos seus olhos o tem!

JERONYMO.

Mas v. paternidade não viu talvez no coração queimado pela vergonha e pelo desprezo a imagem, que tanto tempo fôra a sua companhia, reduzida a cinzas. Não viu a perfida esquecer as promessas juradas e rir-se d'ellas, esquecida e vaidosa nos braços a que se vendeu? A bocca que as proferiu, não beijou os labios de um principe... Esta idéa é um fogo que está a arder sempre aqui. (*levando a mão á testa.*)

PADRE VENTURA.

É falso! Thereza não amou, nem ama outro! A que viu não era ella!

JERONYMO.

Não era ella?

PADRE VENTURA.

Não.

JERONYMO.

Então os sentidos mentem? O que se apalpa chama-se illusão? Tudo isto foi sonho, e nada mais?

PADRE VENTURA.

Não: as cousas existiram; mas as pessoas é que são outras.

JERONYMO.

Assim o principe real não era o principe?

PADRE VENTURA.

Sua magestade el-rei D. João V esteve ali e até recebeu uma ferida leve da sua espada!

JERONYMO.

E Thereza? Não lhe vi correr o sangue, quasi nos braços d'elle?

PADRE VENTURA.

Não era Thereza.

JERONYMO.

Padre Ventura, a sua bocca sempre foi verdadeira, mas agora!... Sabe que enganar-me era peior, do que a morte?

PADRE VENTURA.

Christo para convencer o apostolo, disse-lhe só: «Olha e toca!» Eu, peccador e mortal, seguirei o seu exemplo e perguntarei ao incredulo: o que queres para acreditar?

JERONYMO.

Se tudo assim fosse, padre, caía de joelhos com as mãos erguidas, e dizia: meu Deus! mais cem annos de martyrio como este, com tanto que o sonho dure!

PADRE VENTURA.

Bom! Agora as provas!

(*Ventura dirige-se á porta e traz Thereza pela mão, decorridos alguns segundos. Cecilia segue-os, ainda pallida e fraca, pelo braço de fr. João dos Remedios.*)

SCENA VI.

JERONYMO, PADRE VENTURA, THEREZA, FR. JOÃO E CECILIA.

JERONYMO.

(*Ao vêl-as cáe n'uma cadeira quasi nos braços de Ventura*) Thereza! Foi um sonho: um sonho de que seria crueldade acordarem-me! Quero vêl-a ainda como d'antes... Diziam que vivia! Enganavam-me! Veiu do céu, está-me chamando!

THEREZA.

Não, Jeronymo, não é sonho. Soube que não podia viver assim, e venho dizer-lhe: a experiencia acabou; amo-o, e nunca amei outro.

JERONYMO.

(*Estremece, olha em roda de si, solta um grito e aperta a cabeça entre os punhos; afasta Thereza com um gesto glacial, e volta-se para o jesuita que o observa*) O que vem fazer aqui esta senhora? Não sou rei, não sou prin-

cipe! Não lhe posso offerecer senão as penas que lhe devo, e um lugar na sepultura que me abriu.

THEREZA.

Jeronymo!

CECILIA.

Meu Deus! como as suas palavras ferem! como cáem cortantes sobre mim! O mundo será injusto e sem misericordia como elle?

JERONYMO.

(*Na maior exaltação*) Diga-lhe que se enganou. Esta prisão é baixa e triste para a amante de um rei. Veio para levar a noticia da minha morte, e negociar com ella? É mais um collar de perolas, com que poderá ornar o peito em escarneo do amor que vendeu, e do coração que traiu!

PADRE VENTURA.

(Pegando no braço de Jeronymo com vehemencia, e arrastando-o quasi, tral-o para junto de Thereza, e exclama com immenso imperio)

De joelhos, louco! De joelhos! Peça a este anjo, que lhe perdoe, porque veio para o consolar na sua magua, e para o salvar do abysmo. Quem amou o principe sem saber a sua qualidade, em toda a innocencia e candura, não foi Thereza, era Cecilia! Quem recebeu o golpe da sua espada e por milagre resistiu, foi ella tambem. A voz que ouviu era a sua e na cegueira do ciume tomou a semelhança pela realidade. A carta, que lhe entregaram, não veiu para outra. Note o signal da ferida; observe naquelle rosto a amargura das dores, que lhe causou. Sua irmã, quasi que se levanta do sepulchro, para o convencer! Duvide. Será tão ingrato que não levante a voz ainda para louvar a Deus, e chorar os erros do seu delirio?

(*Jeronymo dominado tem caido aos pés de Theresa, cobre o rosto com as mãos, e soluça em silencio*)

PADRE VENTURA.

(*E Fr. João*) Vencemos. Deus compadeceu-se, e concedeu-lhe um toque da sua graça. Então padre mestre não lho dizia eu? Não temos aqui duas heroinas apesar de tão extremosas e sensiveis? Não ha nada como o amor para fazer prodigios.

FR. JOÃO.

(*Ainda muito commovido*) De certo! sem duvida nenhuma!

JERONYMO.

(*A Thereza*) Perdoas-me? Não fui eu, foi um louco, um desgraçado, que duvidou! Devia morrer na hora, em que cheguei a acreditar.

THEREZA.

Socegue, Jeronymo. Não é a mim, mas a Cecilia, que deve pedir perdão. Eu ainda posso amar e ser feliz; mas ella!...

JERONYMO.

(*Beijando Cecilia na testa*) Minha irmã, minha querida Cecilia!... (*reparando na sua pallidez*) Oh como a dôr te atravessou o coração! Que magoa te cortou a alma por minha causa! Qnem ha de consolar-te, e fazer-te ditosa?

CECILIA.

Deus e a alegria dos que estimo. A culpa de tudo foi minha; e aqui vim para remediar o que tinha ainda remedio. Jeronymo, perdoa-me um erro do amor, e não do co-

ração? Ambos temos chorado tanto, que não sei qual deva queixar-se mais!

JERONYMO.

Mas o teu sangue, o sangue de minha irmã, que eu derramei!?..

CECILIA.

Não se accuse do que não fez... Eu é que fui metter-me entre as espadas.

PADRE VENTURA.

(*Chegando-se*) Bem, muito bem! (*Jeronymo volta-se para Thereza a quem primeiro contempla, e depois agarrando-lhe as mãos beija-lhas com fervor. Ventura neste momento diz a Cecilia*) Então Cecilia, persistimos sempre na resolução, que tinhamos? Sente-se com a força necessaria para ir ao paço, e para o tornar a ver?

CECILIA.

Padre Ventura, já disse, sinto-me com animo para tudo. Bem sabe! A unica alegria, que ainda podia ter, era ver estes dous, que estremeço, felizes e unidos como estão. Agora, o meu desejo mais ardente é dar o ultimo passo... Sou de mais no mundo. Verá que não heide chorar, nem tremer; e mais é o ultimo adeus.

PADRE VENTURA.

Filha, filha! Não prometta antes de saber!

CECILIA.

Antes de lh'o dizer...... perguntei ao coração se tinha forças, e sei que sim.

JERONYMO.

Cecilia vá! As lagrimas consolam; e esse que a espera é rei.... e por fim hade vencer-se no amor, como se ven-

ceu nas mais paixões. (*apontando para a espada cravada no chão.*) Eis ali a prova! Offendido por um louco, olhou só para a cruz d'aquella espada, e perdoou, quebrando o ferro nas mãos de Deus. Podia convertel-a em cutello e ferir; podia fazer della uma vara de justiça, e fulminar...... foi grande, foi rei... poz a mão no peito, e disse ao coração, que ardia em fogo: emmudece!... torna-te de marmore! E o coração callou-se e obedeceu-lhe... (*Ajoelha, arranca a espada e entrega-a ao padre Ventura*) Padre Ventura abençoai a espada do primeiro cavalleiro portuguez!..... A de Affonso Henriques, ou a de D. João I terá o corte mais cançado das batalhas, mas não ganhou maior victoria! Esta deffendeu a coroa até contra a paixão do rei!

PADRE VENTURA.

(*Recebendo-a, e dirigindo-se com ella ao meio da scena, depois de a beijar.*) Deus a faça tão gloriosa na paz, como foram poderosas e invenciveis as de seus avós, em Ourique e Aljubarrota. Possa a luz deste ferro, não se desvanecer nem declinar para gloria e esplendor da monarchia!

CECILIA.

(*A Ventura inclinando a fronte com tristeza*) E a mim, quem hade cicatrisar a ferida, que ella me rasgou no coração?

PADRE VENTURA.

(*Dando-lhe a mão com melancolia*) Quem cicatrisou as minhas, filha! Deus, e o desengano. Sempre quer ir?

CECILIA.

Vamos! Heide vel-o ainda a ultima vez. Quero levar para a minha sepultura a sua imagem viva! Padre, cada vez sinto que o amo mais!

FIM DO QUARTO ACTO.

ACTO V.

Um gabinete de Diogo de Mendonça Côrte Real, no Paço. Portas da direita e da esquerda, e outra no fundo. Reposteiros em todas ellas. Duas janellas uma da direita, e outra da esquerda, entre as portas.

SCENA I.

DIOGO DE MENDONÇA (*sentado defronte d'um bufete examina varios papeis*) FR. JOÃO E THOMÉ DAS CHAGAS (*entram pelo fundo*).

FR. JOÃO.

Dás licença?

DIOGO.

Seja v. R.^ma bem apparecida! Não me dirás, fr. João, que mania foi a tua de me espantares o somno com o teu bilhete? É morte de homem, ou furto de donzella?

FR. JOÃO.

É uma historia que te quero contar para aprenderes a conhecer os homens. (*Thomé vae para se retirar, Fr. João que repara, diz-lhe:*) Irmão Thomé, espere! Temos que fallar.

DIOGO.

E eu muito que fazer. Vamos ao caso.

FR. JOÃO.

O padre Ventura contou-me a historia de certos papeis de estado que te desappareceram de um contador de segredo...

DIOGO.

É verdade. Mas não sei porque te veiu inquietar com isso. Sabes, fr. João; os frades são como as mulheres, curiosos e falladores! Para que vestem elles saias!

FR. JOÃO.

Agradeço-te, mas não aceito o cumprimento. Conheces o padre Ventura, e sabes que é pouco attreito a fallar debalde; portanto se me contou o caso foi para dizer a maneira engenhosa, com que um servo de Deus te ía mettendo pelos alçapões da torre abaixo! (*Thomé a estas palavras tenta de novo safar-se, porém Fr. João estende a mão para elle e colla-o a parede*) Jesus que pressa, irmão Thomé. Não vê que ainda temos de conversar?

DIOGO.

Fr. João, creio que não ignoras que esse é um negocio sério, e que podia custar-me a cabecça?

FR. JOÃO.

Tão serio que Roque Monteiro Paim deu por elle tresentas moedas, e daria mil, se lh'as pedissem.

THOMÉ.

(*Á parte*) Santo breve da marca! Estou em talas.

DIOGO.

Ah? E a prova? Dá-me as provas; um fio só que seja do labyrintho, e juro-te...

FR. JOÃO.

Não jures, que não é preciso. Temos tudo sem saír d'aqui. O irmão Thomé que nos ouve já fez maiores milagres. Pergunta-lhe, e verás que te vae contar tudo, tal e qual como se passou...

THOMÉ.

(*Abrindo os braços*) Jesus da minha alma!

DIOGO.

O sr. Thomé das Chagas?

FR. JOÃO.

Em corpo e alma. Ou Onofre Crespo, como quizeres! O nome não importa. Em todo o caso é o meu honrado servente, e o teu virtuoso sachristão. Que diamante bruto possuiamos sem lhe saber o valor! Meu amigo, tu, e eu, fomos vendidos, e mais barato do que negros. Judas andava com a Companhia de Jesus!

THOMÉ.

(*Á parte*) Isto cheira-me a corda, ou a degredo. Mau!

DIOGO.

(*Sentando-se admirado*) Ah!

FR. JOÃO.

Não perca o animo, sr. Thomé. Uma pessoa do seu merecimento não se prende em ninharias. Se as suas boas

obras se limitassem a escarnecer da minha simplicidade, e a adormecer-me que nem uma creança com os mexericos e invenções da virtuosa serva de Deus, que o ajuda a despir o proximo, perdoava-lhe até o espectaculo de irrisão, que deu em mim aos inimigos de Deus, e da nossa ordem. Mas v. mercê não se contentou com tão pouco. Ao sr. Diogo de Mendonça roubou-lhe uns papeis, cuja falta accusada por falsos emulos o arruinava para sempre. Ao commendador Lourenço Telles, e ás innocentes netas, não descançou, em quanto não lhes metteu a desgraça em casa, e a desesperação na alma. Sr. Diogo de Mendonça, esta figura que vê, foi o auctor do roubo da prata de Evora, o denunciante das minhas allegações, o ladrão dos seus papeis, e o fautor do que succedeu no jardim do nosso amigo Lourenço Telles. Dez cabeças que tivesse, todas a justiça devia decepar-lhe.

THOMÉ.

(*Espantado e com os olhos em alvo, á parte*) Isto cheira-me a brazeiro do santo officio. Pés para que te quero! Esta janella será alta? (*approxima-se da janella sorrateiramente.*)

DIOGO.

Tens razão, padre mestre. O sr. Thomé para a sua idade dá grandes esperanças. Aos cincoenta annos acho-o capaz de envenenar as fontes. Ia apostar, fr. João, que tens debaixo dos dedos um processo lindo, e que o sr. Thomé das Chagas é o heroe? Vejamos! Deram-te os papeis do roubo da prata de Evora?

FR. JOÃO.

Eil-os! Mandou-m'os o padre Simões, que foi mestre d'este... honrado servo de Deus, e que em recompensa ficou nú, como Adão no paraizo, depois do peccado original...

DIOGO.

Deixa-te de comparações biblicas, fr. João. Fazes frio á gente com o teu Adão nú; olha que estamos em dezembro. E a historia da segunda edição dos teus libellos forenses? Estou ardendo em impaciencia de a ouvir.

FR. JOÃO.

É curta, mas compendiosa. Cuidei que dictava a um escrevente, e tinha dois. Este milagreiro passava por não saber lêr, nem escrever, e fiado n'isso confiei-me; e no fim era elle quem de madrugada me abria as gavetas e copiava os papeis.

DIOGO.

Com effeito?! O methodo parece-me simples! Quem o diria! Fr. João, é notavel, que tantos seculos depois de Homero te mettessem o cavallo de Troia dentro da cella? Dize-me: e tem boa letra o sr. Thomé?

FR. JOÃO.

(*Irado*) Traidor!

THOMÉ.

(*Recuando e batendo nos peitos*:) Mea culpa, padre mestre! A carne é fragil! (*á parte*) Esta janella, decididamente é muito alta para tomar o fresco!

DIOGO.

(*Rindo e crusando a perna*) Paciencia, fr. João! Mas grande coisa fez o nosso devoto aos padres da companhia! Elles que viraram todas as baterias contra elle?! Agora entro eu em scena. O sr. Thomé não me negará de certo o favor de me dizer se foi por ordem de Roque Monteiro, que tirou os papeis. Conheço agora que é muito serviçal, e conto com a sua bondade. Póde fallar sem susto. Aonde o vio?

THOMÉ.

Ao sair da capella de V. S.ª depois de ajudar a missa, um domingo.

DIOGO.

Qnantas vezes lhe fallou?

THOMÉ.

Tres. (*reportando-se*) Duas e meia!

DIOGO.

Ponha a outra meia por minha conta. E quanto recebeu pelo... serviço que nos fez.

THOMÉ.

(*Devoto e compungido*) Tresentas moedas... para repartir pelos pobres.

DIOGO.

Ditosos pobres! E em que mãos as depositou? Diga a verdade.

THOMÉ.

Nas da tia Perpetua.

DIOGO.

Não conheço.

FR. JOÃO.

Conheço eu. É uma descarada hypocrita. A esta hora ha de estar entrando na inquisição, accusada de desinquietar donzellas honestas com feitiços e quebrantos.

DIOGO.

Fazes mal em metter a velha no santo officio, olha que

sempre se ha de rosnar... Mas voltando ao caso, dir-me-ha sr. Thomé das Chagas, como deu com o segredo do meu contador, e descubriu aonde eu escondia a chave?

THOMÉ.

Foi uma quinta feira, dia sancto, depois do serviço divino. Via V. S.ª procurando na sua estante, e tirando de lá uma chave. A porta estava encruzada, e eu..... esqueci-me, e espreitei!

DIOGO.

São exquesitos os seus esquecimentos. Não importa; agradeço-lhe a lição. Uma palavra mais. Quem disse ao padre Ventura tudo isso?

THOMÉ.

(*Suspirando*) Fui eu, Illmo. Sr... e sabe Deus com que magoa!

DIOGO.

Basta. Agora, falle-me com sinceridade. Roque Monteiro deixou-lhe nas mãos algum papel, que possa servir de prova ao roubo, que mandou fazer?

THOMÉ.

Oxalá! Nenhum. Pagou as tresentas moedas para os pobres, e não o vi mais. Mas se V. S.ª deseja molestal-o, sei de uma historia delle; quero dizer, sabe-a o Sr. Padre Ventura. Contou-lh'a o confessor d'Elrei, que Deus haja em gloria.

DIOGO.

Como é dotado de um ouvido fino, o sr. Thomé escutou naturalmente, e tem pouco mais ou menos idéas do caso?

THOMÉ.

Ouvi fallar os dois de certas luvas no tratado com os inglezes.

DIOGO.

O tratado Meltwen, talvez?

THOMÉ.

Esse mesmo.

DIOGO.

Sabe se ha cartas, ou papeis?

THOMÉ.

O Padre Sebastião entregou-as, por signal, ao padre visitador.

DIOGO.

Muito bem. Perdou-o-lhe o mal que fez pela noticia que me dá. Mas com uma condição.... Dentro de vinte e quatro horas o sr. Thomé ha de partir para Angola em um navio de elrei. Quero que vá cumprir o degredo voluntario de dez annos, a que o condemno em castigo do roubo da prata de Evora. Tem percebido? Se oito minutos depois da embarcação levantar ferro v. mercê fôr achado em Lisboa, ou a beata Perpetua, que o sr. fr. João a rogos meus mandará soltar do Santo Officio, fique certo de que os entrego ao juiz do crime e ao carcereiro da cidade. Serve-lhe o partido?

THOMÉ.

Se fosse permittido demorar-me tres dias... só tres dias!

DIOGO.

Nem tres horas.

THOMÉ.

(Compungido) Eu estava para mudar de estado; casava-me amanhã!

DIOGO.

A bordo, a bordo! Tenho muito receio dos heroes prolificos. Um só Thomé das Chagas deu-nos que fazer, o que seria muitos. Case se quizer, mas no mar alto, ou na costa de Africa. Em Portugal não lhe dou licença senão na cadeia.

THOMÉ.

Então vou preso?

DIOGO.

Não. Leva ordens de sua magestade para o capitão general. Aconselho-o ainda, a que não volte, mesmo no fim dos dez annos, se não se der mal, sobretudo sabendo que me acha vivo. *(toca uma campainha apparece um preto)* Milciades vae com este sr. até á rua, e acompanha-o. Boa viagem, sr. Thomé. Case e seja muito feliz. *(Thomé sàe com o preto)*

SCENA II.

DIOGO E FR. JOÃO.

DIOGO.

Sempre tomavas a serio o papel de tyranno!? pois não cuidei! Sabes que o padre Sebastião de Magalhães foi desterrado e com que zombaria! Sua Magestade attendendo ao seu zelo pelos progressos da agricultura encarrcgou-o de fazer o recenseamento dos olivaes de Santarem, dando conta mensal do estado delles, e visitando-os diariamente.

FR. JOÃO.

Despachou-o primeiro ministro da arvore de Minerva?

DIOGO.

E tu fr. João sempre aceitas o lugar de mestre do sr. infante D. Antonio?

FR. JOÃO.

Podendo ser... desejo occupar-me. Mas agora me lembra. Deixa-me sair para livrar Thomé das Chagas dos familiares da inquisição, que estão á espera delle.

DIOGO.

Ah! padre mestre, bem diz o adagio: não ha odio peior do que o odio de frade.
(*Fr. João sae*)

SCENA III.

DIOGO DE MENDONÇA.

(*Só*) Grandes coisas vai este gabinete hoje ver! O principio não foi mau... e o fim só Deus o sabe! Sinto passos.

SCENA IV.

DIOGO DE MENDONÇA E O PADRE VENTURA.

PADRE VENTURA.

(*Entrando*) *Pax Christe!*

DIOGO.

Só? Cecilia arrependeu-se.... O sacrificio era deveras grande.

PADRE VENTURA.

Maior é o coração della. Ficou ali no quarto proximo. Elrei annuio? Virá?

DIOGO.

S. M. o Sr. D. João V faz-nos essa honra... A' hora marcada vem.

PADRE VENTURA.

Bem!

DIOGO.

Aproveitarei este intervallo para conversar com V. Paternidade. Sabe que dava muito dinheiro por estar outra vez na Hollanda, apesar da humidade, e da maldita sopa de cerveja?

PADRE VENTURA.

Porque? acha-se em perigo aqui? S. Magestade ainda lê o Telemaco? Já entrou em Salento, ou mandou tirar o papel de Idomeneo para o estudar?

DIOGO.

Salento é uma historia! Antes Salento! Sabe que mais? Roque Monteiro tenho medo qne venha ao de cima de agua, e me deite ao fundo a mim com dois penedos nos pés. Fallei a elrei no caso das cartas de Saboia; disse-lhe o que ajustamos; ouviu-me tocando tambor na copa do chapéo; e creio, Deus me perdoe, que não riu pouco da triste figura, que eu faço.

PADRE VENTURA.

V. S.ª é aprehensivo demais. E o papel deu-lho, como lh'o entreguei, e ajustamos?

DIOGO.

Certamente. Fechado e lacrado, tal e qual o recebi das mãos de V. Paternidade.

PADRE VENTURA.

Bem. Sei de certo que elrei já o examinou.

DIOGO.

Sabe? E não teve dó de mim, tirando-me da afflicção em que me vê? Pois eu não sou tão discreto, e por isso direi.....

PADRE VENTURA.

Que os regimentos para o governo da America foram assignados antes de hontem, e estão a expedir-se? não me queria dizer isto?

DIOGO.

Queria, queria; mas!... Tomára que me explicassem aonde se mettem os curiosos, que informam a V. Paternidades?

PADRE VENTURA.

Fazemos pouca bulha, sr. Diogo de Mendonça, e cabemos em toda a parte. Agora, vou mostrar-lhe que não somos ingratos. Conhece esta lettra e estes sellos?

DIOGO.

É a lettra d'elrei que Deus haja! São as maldictas cartas de Saboia! Ah!

PADRE VENTURA.

Duas palavras, se m'o permitte! O papel lacrado que por meu conselho entregou a S. Magestade encerrava a his-

toria do infame enredo de Roque Monteiro, contada por mim e attestada pelo ladrão subalterno... aquelle celebre Thomé das Chagas, que todos conhecemos...

DIOGO.

Ah! e depois?...

PADRE VENTURA.

Depois elrei nosso senhor ordenou ao conde de Aveiras que me fosse chamar, porque me queria ouvir.

DIOGO.

Grande idéa tivemos!... teve V. Paternidade, quero dizer... Não inventei nada, nem a palavra, que é uma obra de charidade dos frades, segundo dizem! E chamam-me esperto! Mas queira continuar.

PADRE VENTURA.

Sua Magestade ouviu tudo da minha bocca.

DIOGO.

(*Inquieto*) Tudo?

PADRE VENTURA.

(*Sorrindo*) Ou quasi tudo. Aqui tem agora as cartas; elrei insinuou-me que desejava que V. S.ª lh'as entregasse pessoalmente. Como está satisfeito com os seus serviços é provavel que lhe dê um testemunho hoje mesmo...

DIOGO.

V. Paternidade é magico?

PADRE VENTURA.

Sou exacto. A mercê de secretario de estado está lavrada. Logo o ouvirá da bocca de elrei.

DIOGO.

Como heide agradecer a V. Paternidade?

PADRE VENTURA.

Desejando-me a boa viagem, e dando-me as suas ordens para Italia. . .

DIOGO.

Quando parte?

PADRE VENTURA.

D'aqui a duas horas.

DIOGO.

Para Roma?

PADRE VENTURA.

Porque o diz?

DIOGO.

Porque a cabeça falta ao corpo. A séde da companhia é na séde do orbe catholico, e o Geral não póde estar muito tempo ausente. Faz falta aos pés da cadeira de S. Pedro!

PADRE VENTURA.

O Geral está em toda a parte!

DIOGO.

E' verdade! E por signal esteve em Portugal, e só duas horas antes de nos deixar é que advinhei por este sello gravado no seu annel (*aponta para a mão de Ventura*) o segredo da sua vinda. Quem me diria que o padre Ventura se chamava Miguel Angelo Tamburini?

PADRE VENTURA.

(*Voltando o annel para dentro*) Foi uma imprudencia minha. Mas já que descobrio a presença do Geral da Companhia saiba que parte para não tornar, e dê-lhe as suas ordens.

DIOGO.

Pois despedimo-nos para sempre?

PADRE VENTURA.

A menos que não o veja em S. Pedro, ou no Vaticano como embaixador de Portugal! Os meus negocios aqui estão concluidos, e asseguro-lhe que pondo o pé no escaler levo saudades. O Geral da companhia fez justiça ao merecimento, e assignou com elle, um tratado de alliança. Posso contar que mesmo longe me fica um amigo para continuar a harmonia das duas potencias?

DIOGO.

Ah! padre Ventura! Deixe-me dar-lhe o antigo nome da nossa amizade; indo-se o corpo como quer que fique a sombra? Já não tenho a quem recorrer nos casos delicados. . .

PADRE VENTURA.

Miguel Angelo Tamburmi tem o coração do padre Ventura e sabe todos os segredos d'elle. . . Adeus! um abraço como amigos, e outro como alliados. E' natural que não nos encontremos senão na eternidade; mas os homens como nós sr. Diogo de Mendonça, se já são velhos para as amizades robustas, são experientes e firmes na estimação reciproca. Eu vou trabalhar na refórma d'uma potencia que julgo opulenta demais; não adormeça, e trabalhe tambem em engrandecer um reino, ao qual Deus concedeu tudo, menos pilo-

tos que o dirijam . . (*n'este momento sente-se abrir a porta da esquerda*).

DIOGO DE MENDONÇA.

Ahi vem elrei ? (*o reposteiro affasta-se e apparece D João V*).

SCENA V.

OS MESMOS E D. JOÃO V.

(*D. João V entra, Diogo de Mendonça aproxima-lhe uma cadeira, faz a venia e sáe logo.*)

D. JOÃO V.

Diogo de Mendonça fez-me sabedor dos desejos de V. Paternidade. Bem vê, concedi logo a audiencia pedida ! Tem alguma coisa a pedir ?

PADRE VENTURA.

Certo da grandeza de V. Magestade, e lembrado da palavra dada em Santa Clara, é que puz aos seus reaes pês a minha supplica. . .

D. JOÃO V.

Ah ! E que noticias me traz de todas as pessoas. . . que lá conhecemos ?

PADRE VENTURA.

D. Catharina de Athaide. . .

D. JOÃO V.

Deixêmos essa. E Cecilia, (*erguendo-se*) Cecilia, que V. Paternidade sabe que amei. . . que amo ainda?

PADRE VENTURA.

(*Serenamente*) A educanda perdendo as illusões e conhecendo que o amor de elrei não podia pertencer-lhe, morreu. . .

D. JOÃO V.

(*Fazendo-se pallido*) Morreu! Cecilia, morreu!?

PADRE VENTURA.

Para o mundo, meu senhor. Como não podia tornar a amar na terra, escolheu a Deus por esposo, e volta a Santa Clara para tomar o veu.

D. JOÃO V.

Sem o meu consentimento?

PADRE VENTURA.

(*Placido e digno*) Sem o consentimento de V. Magestade! Em pontos de dever e de religião a consciencia passa adiante. Deus é acima de elrei.

D. JOÃO V.

Por ser monarcha heide por força arrancar o coração do peito, ou fechal-o ao affecto?. . .

PADRE VENTURA.

Para os reis ha só um amor possivel e unico.

D. João V.

(*Ironico*) A gloria?

Padre Ventura.

Não, meu senhor! A ventura dos seus povos.

D. João V.

Mas em que póde a ternura de Cecilia offender os meus povos?

Padre Ventura.

Se V. Magestade permitte, ella mesma responderá!

D. João V.

Ella! Como?... Pois!...

Padre Ventura.

Espera á porta licença de elrei...

D. João V.

(*Magoado e sobresaltado*) Licença! Ella!...

Padre Ventura.

É só para entregar a V. Magestade um retrato e varios papeis, que não podem pertencer senão á rainha de Portugal...

D. João V.

E V. Paternidade sabe, se eu...

Padre Ventura.

Sei que V. Magestade deseja ser, e hade ser um grande rei... Cecilia vem beijar a mão do soberano, e pedir-

lhe o esquecimento da sua temeridade. Por ignorancia levantou os olhos para o Principe D. João e pede perdão d'esta ousadia (*dirige-se á porta da direita e depois d'um instante traz Cecilia pela mão*).

SCENA VI.

D. João V, Cecilia e o Padre Ventura, (*que se retira para o fundo da scena.*)

D. João V.

(*Correndo a ella*) Cecilia! Elles não nos ham de separar, Cecilia. Não vês a saudade e a ternura nas lagrimas de ambos? Como é possivel esquecer isto, e viver depois? Pelo doce nome do nosso affecto, pela corôa de meu pae. . .

Cecilia.

A corôa! a corôa é que nos separa! Porque não sou eu mais, ou por que não havia Deus permittir que V. Magestade fosse meu igual? Não tenho dote para merecer elrei!... Entre nós e as illusões, está o mundo, está o throno. . .

D. João V.

Que esteja! Sou cavalheiro e dei a minha palavra. . .

Cecilia.

Venho restituil-a! Se a primeira vez que nos vimos, soubesse que era V. Magestade. . . seria hoje menos desgraçada. A promessa, que recebi, foi de um egual, e não de elrei. D'esse não podia ouvir, nem aceitar nada, senão. . . o

esquecimento. Se em Santa Clara V. Magestade me dissesse que o principe D. João é quem jurava, eu havia de vencer-me, e nada, do que succedeu, aconteceria. O que pedi não foi a corôa; nunca tive a loucura de sonhar com impossiveis! A quem amei, não foi ao herdeiro do throno, foi ao cavalheiro, cujo appellido ignorava. Desejei outra coisa, e não eram honras; tinham-me promettido mais; pedi amor, sómente amor; e o affecto não se vende, senhor, paga-se como se recebe, puro, extremoso e innocente. . . Estou enfadando a V. Magestade. Vim aos seus pés pedir perdão e esquecimento, perdão por que me enganei ou me enganaram, esquecimento para expiar o meu erro na sepultura d'um convento. . .

D. João V.

(*Agitado, e detendo-a com o gesto*) Nunca! . . . Cecilia, meu amor! . . . Deus não unia duas almas em uma só para os homens as separarem! Escuta! De joelhos t'o peço; e não me levantarei em quanto não ouvir o sim da tua bocca. . . (*o padre Ventura, vendo ajoelhar D. João V retira-se*).

Cecilia.

Veja V. Magestade que não estamos sós!

D. João V.

Elrei não está aqui, e não ha olhos que se atrevam a vêr, quando os d'elle. . . choram.

Cecilia.

Senhor! V. Magestade tenta de mais a fraqueza do meu animo. . . (*terna e compadecida*) João! isto não póde, isto não deve ser. Aos meus pés, o rei!

D. João V.

É o seu lugar, pedindo perdão e confessando o erro.

CECILIA.

Nem uma palavra mais, se ficas de joelhos! Cuidava, que vindo aqui, não tinha senão que chorar as lagrimas de uma despedida eterna. Queres que ellas corram de vergonha e de remorso?

D. JOÃO V.

(*Erguendo-se pallido e sombrio*) Ouve-me, Cecilia. (*com serenidade*) Não é verdade, que princeza descias do throno, e me offerecias a mão para eu subir?...

CECILIA.

Sim! Prouvera a Deus que eu fosse a rainha e tu o vassallo!... Chamava-te esposo, ainda que pizasse a corôa aos pés!

D. JOÃO V.

Tu o disseste!... Chamavas-me esposo, e não olhavas para o sacrificio. Como queres que amando-te mais do que ao throno, mais do que a mim proprio, faça menos? Palavra de rei não volta! Entre a felicidade e a magua eterna, comprando por um sorriso a felicidade, acho pequeno o preço, embora fique de menos a corôa aos pés de ambos.

CECILIA.

Não tornemos a sonhar, João! Sei o teu affecto, não digas mais, sei. Basta-me perguntar ao coração. Mas o rei está primeiro que o amante. (*D. João V, deveras commovido, correm-lhe as lagrimas pelas faces*) Um homem, João, não chora assim! Tem animo para si e para os outros. Se eu fizesse o mesmo, o que havia de ser?... (*soluçando, e enchugando os olhos*) Vês?!... Ouve-me agora. Estas cartas, e este retrato são da rainha de Portugal. A freira, que vae ser, tem a saudade por companhia; e do mun-

do que deixa, nada deve passar a grade. . . bastam as penas e as memorias!

D. João V.

Nunca! Se queres salvar o rei não tires para sempre a esperança ao homem. Cecilia, se amasses, como eu, tinhas medo. . .

Cecilia.

De arrastar a tua gloria pelas murmurações do povo e pelas zombarias de todos os soberanos?! . . . É verdade, se eu escutasse a paixão, punha na cabeça a corôa, ainda que os festejos fossem risadas e pasquins! De joelhos te peço, João: aceita o que não me póde pertencer; salva a tua, e a minha honra! (*D. João com a voz tomada de dôr, recebe os papeis, e ella ajoelhando tambem arquejante e convulsa, encosta a cabeça ao hombro d'elle*) Então não havemos de ter valor para nos lembrarmos do amor sem remorso? (*D. João tapa o rosto com as mãos*) João, queres que te ame sempre, e que morra abençoando a hora em que te vi? João, pelo doce nome da nossa ternura, tem dó de mim! Não esqueças, que não nos separando, e não podendo amar sem crime, eu havia de morrer despresada por todos e por mim! Não respondes? Queres a minha honra, e não o meu amor? Tua esposa não posso ser; juro! Escolhe, decide: queres que seja menos?!

D. João V.

(*Erguendo-se pallido, olha fito para ella, e com um soluço profundo exclama:*) Não! Morre antes para o mundo! Vae para o convento!

Cecilia.

Obrigada, João, obrigada! É verdadeiro, é santo o amor que se despede assim! Adeus! (*Corre para a porta da es-*

querda, na qual apparece o padre Ventura, e encostando-se a elle fica immovel.)

SCENA VII.

D. João V, Padre Ventura e Cecilia (*no segundo plano*) Diogo de Mendonça (*que entra*).

DIOGO.

(*Vindo curvar-se perante D. João V, que vendo-o, tira da algibeira um alvará*) As ordens de v. magestade?

D. JOÃO V.

Aqui está este alvará. É a sua nomeação de secretario de estado. Estes tres dias não ha despacho. Que ninguem entre nos meus quartos!

DIOGO.

(*Ajoelha e beija a mão a el-rei*) Beijo as mãos a v. magestade. Agora ousarei pedir ainda uma graça a el-rei?

D. JOÃO V.

Diga!

DIOGO.

Jeronymo Guerreiro está ali, e deseja ser ouvido por V. Magestade.

D. JOÃO V.

Jeronymo Guerreiro!... (*anciedade de todos; depois de pausa:*) Levemos ao fim o calix. Cumpra-se toda a provação. (*a Diogo de Mendonça*) Mande entrar.

SCENA VIII.

Os mesmos e Jeronymo Guerreiro (*que logo que entra vae direito a el-rei, ajoelha, e colloca-lhe a espada aos pés*).

Jeronymo.

Senhor, até hoje não conhecia o remorso, agora sinto-o. Fui ingrato e injusto; merecia mil castigos, e o magnanimo coração de v. magestade perdoou! Senhor! Não ha senão um modo de expiar esta culpa... Está a romper por dias uma batalha entre o exercito do Marquez das Minas, e as tropas de D. Felippe de França... El-rei permitte que o seu vassallo vá lavar no proprio sangue a injuria? A espada que feriu... um principe, e o braço que a levantou, devem caír para sempre, mas á sombra das quinas portuguezas!

D. João V.

(*Fazendo-lhe signal para que se levante, e tome outra vez a espada*) Jeronymo Guerreiro, o que passou foi um sonho!... Esqueçamo-nos todos d'elle. Parta para o exercito, mas quero que volte, e victorioso. Cinja a sua espada; não é minha, nem sua, é da patria. Faça por alcançar que d'aqui a pouco seja da historia!

(*A um aceno seu saem todos menos Cecilia.*)

D. João V.

Cecilia! Adeus! Pela dôr que agora sinto conheço que é só de hoje que principio a reinar! Que mal avaliam os que vendo por fóra a corôa, cuidam que não tem espinhos!

(*Tapa o rosto com a mão, e soluça. Cecilia ajoelha, pega-lhe na outra mão e beija-lh'a.*)

CECILIA.

(*Erguendo-se resoluta e animada*) João, na vida, e na morte ha de sempre arder no meu coração o teu amor! (*sáe arrebatada*).

D. JOÃO V.

(*Vendo-a saír*) E eu... sumam-se as ultimas lagrimas do homem... Sou rei!

FIM DO DRAMA.

Rebello da Sylva (L. A.) historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII. Lisboa, 1860-1871, Imp Nacional. 5 vol. in 8.